



Temporada 01 | Episódio **02** | ARGUMENTO DESENVOLVIDO

Sementes do Ódio

01 - Canteiro de obras da empreiteira

Máquinas paradas e enfileiradas. Operários à toa. Através do alambrado Candice e Juliete, de forma insinuante, conversam com os operários. Ficam sabendo da paralisação das obras por causa do ataque wamoakrin. Convidam os trabalhadores para irem no ambiente (puteiro) à noite, Como os operários não vão trabalhar no dia seguinte podem se esbaldar.

02 - Créditos de Abertura

03 - Manicorá. Rua. Dia

Na rua do povoado se ouve pelos altos falantes o programa de João Walter falando que é um dia triste para a localidade pela morte de um filho da terra, assassinado brutalmente pelos selvagens.

04 - Manicorá. Sala do programa de Rádio. Dia

João Walter anuncia o entrevistado do dia, o doutor Heitor Passos, engenheiro responsável pela construção da estrada e sobrevivente do ataque wamoakrin. Na entrevista, Heitor narra o acontecido, exagerando nas tintas.

05 - Mata. Grande Clareira. Dia

Flashback do ataque dos wamoakrins. Índigenas cercando sorratamente a clareira. Joel percebe os guerreiros. As flechas zunem e ele tomba flechado, Heitor Passos foge apavorado pela mata.

06 - Manicorá. Sala do programa de Rádio. Dia

Heitor lamenta a morte do funcionário, mas lamenta, sobretudo, que as obras estejam paralisadas até as autoridades darem garantias que podem continuar sem sobressaltos.

07 - Manicorá. Pista de Pouso. Dia

Macedo desembarca do monomotor. É recebido na pista por Renato, que vai dando conta da tensão no local. Uma fagulha pode explodir tudo.

08 – Manaus. Faculdade. Dia

Dora chegando na faculdade. Caminha pelo corredor cumprimentando funcionários e alunos. Passa na sala dos professores, onde já estão os professores André, Antonio e a professora Lúcia. Comentam sobre o ataque dos wamoakrins contra os trabalhadores da estrada. André, preocupado, pergunta se Renato está bem. Ele está nesta área, não está? Dora responde afirmativamente, mas felizmente, ele está bem. Antonio comenta que o assunto vai dar pano pra manga.

Dora sai, anda pelo corredor e entra na sala de aula onde se depara com jornal sobre sua mesa. A manchete é sobre o ataque wamoakrin. Ela pega a folha e pergunta se tem alguém na sala que deseja discutir o assunto. Um dos alunos questiona de forma provocadora: “Os índios também não são bonzinhos, não, professora”. Dora responde



que não é problema de bondade ou maldade e pergunta: “Se entrassem sem permissão na sua casa, você não teria o direito a reagir?”.

09 - Manicorá. Rua. Noite

Corpo de Joel sendo velado numa casa com a porta aberta para a rua. Várias coroas de flores adornam o local. Dona Felícia com o rosto compungido ao lado do caixão é consolada por amigos e parentes. Firmino, já meio bêbado, faz um breve discurso exaltando as qualidades da vítima, morto de forma absurda na flor da idade. Douglas vem passando pela rua e se detém a observar a cena. Firmino termina o discurso e olha ameaçadoramente para o sertanista. Douglas fica incomodado e segue adiante.

10 - Manicorá. Taberna. Noite

Em volta de uma mesa, moradores comentam a aparição dos wamoakrin. O tom é alarmista. Um deles é Geraldo, que se excede nas declarações anti-índigenas. Douglas adentra o recinto, vai até o balcão, vira uma dose de pinga. Candice o aborda, pedindo fogo para acender seu cigarro. Os dois começam a conversar. De repente alguém cutuca Douglas pelas costas dizendo: “Sempre gostou de uma indiazinha, não é?”.

Douglas se volta disposto a reagir à provocação e se depara Geraldo que abre os braços e lhe dá um abraço. Douglas está surpreso. Geraldo é um velho amigo. Há muitos anos não se viam. Na conversa entre os dois ficamos sabendo que Douglas foi criado na fazenda onde Geraldo trabalha. De lá saiu para estudar em Manaus onde se engajou na Funai. Geraldo não acredita que o antigo amigo está agora na proteção dos índios. Douglas pondera: “mas eles também tem direitos, não são bichos”. Geraldo força uma risada e diz: “Olha só quem está falando. Antigamente tu bem que gostava de caçar índio com nós”. Douglas responde: “Depois que eu conheci eles, mudei de ideia. Acho que você mudaria também”. Candice acompanha atentamente o diálogo. Geraldo diz que não vai perder a amizade por causa

de índio e convida Douglas para um churrasco

Firmino, alcoolizado, se aproxima. Ele começa vomitar acusações contra o jovem sertanista. Se proclama parente do morto e diz que o defensor dos índios vai pagar. Parte para a agressão, mas é detido por Geraldo que saca seu revólver. Independente do que Douglas faça, ele é seu considerado. Se alguém se meter contra ele vai ter que enfrentá-lo também. As coisas se acalmam. Geraldo aconselha a Douglas ir embora. Ele vai saindo. Candice diz que gostou do sertanista. “Pode acompanhá-lo?”. Douglas concorda. Os dois saem juntos.

11 - Manaus. Faculdade. Restaurante. Dia

No bandejão lotado, Dora almoça com a professora Lúcia e o professor André, que está de partida para Paris, onde fará seu doutorado. Eles conversam sobre a viagem e as expectativas da vida na capital francesa. Ele pergunta se Dora não quer fazer seu mestrado lá. Dora tem muita vontade, mas o trabalho de Renato só pode ser feito no Brasil. Não sabe como seria a separação. Brincando, Lúcia pergunta quem não iria aguentar. Dora responde, também brincando: “Ele, com certeza, não aguenta e eu, quem sabe? A gente já passa muito tempo separado”.

12 - Manaus. Faculdade. Corredor. Dia

Depois da refeição, Lúcia se despede. Dora e André saem juntos. Andando pelo corredor, Dora comenta a discussão ocorrida na sala de aula. André pede para Dora ser mais controlada. Críticas à construção da estrada podem ser consideradas como um ataque contra o governo e as paredes tem ouvidos.

13 - Manicorá. Hospedaria. Quarto de Douglas. Dia

O sol entra pela janela e banha a rede onde Candice e Douglas dormem abraçados. Ela se levanta e ele acorda. Candice veste sua



roupa, vai até a pia, lava o rosto e começa a pentear os cabelos. Douglas senta na rede, acende um cigarro e pergunta se ela pode ficar mais um pouco. Ela responde docemente que se ela ficar Douglas vai ter que pagar em dobro. Douglas pega sua calça do chão, tira a carteira e entrega algumas notas para Candice que as guarda no seio e diz que quando quiser é só me procurar.

14 - Manicorá. Taberna. Dia

Renato tomando café na taberna. Douglas chega. Está preocupado com a animosidade contra os wamoakrins. Renato já viu este filme antes. Costuma não acabar bem. Recomenda a Douglas ficar de olhos bem abertos e arremata: “Esses caras odeiam os índios”

15 - Aldeia Wamoakrin. Interior de Oca. Noite.

Deitada na rede, Akrimatã, não consegue dormir. Inquieta, vê espíritos pintados de preto rondando a sua rede. Eles se aproximam e fazem caretas horríveis. Ela se debate inquieta. Os espíritos dançam e depois somem, a deixando aflita.

16 - Fazenda de Belmiro. Dia

Douglas chega de moto na fazenda de Belmiro. É recebido na porteira por Geraldo e levado até o churrasco. De passagem, Geraldo o apresenta a outros peões e conduz Douglas até a mesa onde Belmiro está comendo com Heitor e diz: “Olha aí patrão, veja quem veio. Quem é vivo, aparece”. Belmiro comenta: “O filho pródigo está voltando”. Geraldo informa que o recém-chegado agora está do outro lado. Belmiro relewa: “Eu sei, mas ele é moço tem sempre tempo de se arrepender”. Geraldo leva Douglas de volta para a mesa dos peões.

17 - Fazenda Belmiro. Dia

Belmiro conversa com Heitor o quanto a estrada vai ser importante para o desenvolvimento da região. Argumenta com seu próprio exemplo, quer investir, aumentar as pastagens e a criação, mas sua vontade não adianta se não tiver uma estrada para escoar a produção. Lamenta o trabalhador morto pelos índios e manifesta sua inconformidade pela interrupção da obra por causa de meia dúzia de nativos. Heitor não pode arriscar seu pessoal. Lamenta mas enquanto a situação dos índios não for resolvida a estrada fica parada.

18 - Fazenda Belmiro. Dia

Na mesa dos peões, um deles pergunta quando é que Manicorá terá seu primeiro rodeio. Um outro responde que ainda vai demorar. Um terceiro diz que é só a estrada ficar pronta. Quem puxa o gado é a rodovia. Geraldo provoca Douglas, dizendo: “Gostei de te ver com a indiazinha. Me lembrou do tempo em que a gente punha a indiarada para correr”.

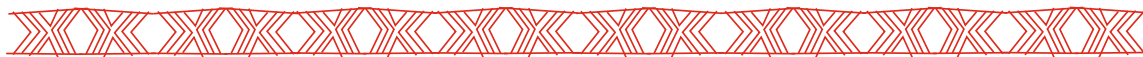
Douglas, prudente, diz que não é mais o mesmo. Em Manaus, estudou, conheceu gente e mudou de opinião. Geraldo pergunta se ele se arrepende do que fez. Douglas responde: “Espero que vocês não continuem fazendo.” e em seguida pede licença para ir ao banheiro.

19 - Fazenda Belmiro. Dia

Douglas se levanta e vai até a casinha que serve de banheiro. Mija. Quando abre a porta para voltar vê uma camionete descarregando armas e munições.

20 - Aldeia Wamoakrin. Interior de oca. Dia

Akrimatã está sozinha, fazendo um cesto. De repente algo passa pelas suas costas. Ela tem um sobressalto. Se vira, mas não vê nada. Tenta voltar ao trabalho, mas, outra vez, alguma coisa cruza o fundo da oca. Ela se levanta assustada. Olha para todas as



direções. Tudo aparentemente normal. Ela fecha os olhos por um instante. Abre e vê um rosto horrível, pintado de preto na sua frente. Fecha os olhos novamente e começa a cantar uma música. Ela está sozinha na oca.

21 - Mata. Grande Clareira. Dia

Na área onde foi o ataque wamoakrin, Heitor e Raimundo conversam com um policial, reconstituindo a morte de Joel. Um pouco distante, Macedo e Bentes conversam. O presidente da Funai reclama da sua saída de Brasília para administrar conflitos que cabem a Macedo resolver. Macedo tenta se explicar.

De repente chega Renato, ignora Bentes e fala abruptamente que o fazendeiro Belmiro está se armando para um possível ataque contra os indígenas. Constrangido, Macedo aponta para Bentes e o apresenta: “General Bentes, o presidente da Funai.” Aponta Renato, como o sertanista que fez o contato com os wamoakrins. Renato retruca: “É bom o presidente estar aqui. Os wamoakrim estão sendo ameaçados.”

Visivelmente aborrecido com a interrupção, Bentes puxa Macedo de lado e saem conversando, deixando Renato sem saber o

que fazer. Bentes diz a Macedo que tem de voltar para Brasília e espera que em breve se resolva o problema. A estrada não

pode esperar. Depois que Bentes se vai, Macedo se aproxima de Renato e comunica impaciente sua volta a Manaus para as comemorações do Dia do Índio. Pede para ele ir organizando uma nova expedição. E acrescenta: “O mais rápido possível”.

22 - Manicorá. Hospedaria. Quarto e Recepção. Dia

Renato lava o rosto numa pequena bacia de alumínio. Examina a cara num espelinho pendurado na parede e acaricia a fotografia colada ao lado com a imagem de Dora e Iracema. Sai do quarto, desce as escadas e na

recepção, o atendente aponta para Dona Felícia, que espera por ele sentada num velho sofá.

23 - Manicorá. Hospedaria. Recepção. Dia

Renato puxa uma cadeira em frente de Dona Felícia, que se identifica como a mãe de Joel, o trabalhador morto pelos wamoakrins. Ela começa a conversa dizendo: “Eu soube que o senhor é uma espécie de advogado dos índios...” Renato esboça uma reação mas ela prossegue: “Não, eu não vim aqui para acusá-lo. Eu só queria entender. Por que eles fizeram isso?” Renato fala do estupro. A senhora não se conforma: “Mas não foi meu filho que fez. Tenho certeza, ele não faria isso”. Renato responde: “Não sei se foi ele que fez. Mas foi um de nós, brancos. E no mundo deles, todos respondem por todos”.

A mulher insiste: “Mas foi uma injustiça”. Renato volta a ponderar: “Para a senhora, com certeza foi, mas para eles estão apenas defendendo suas famílias e sua terra”. Dona Felícia insiste em questionar: “Eles não querem a estrada?”. Renato responde com vigor: “Não, não querem. Para eles é muito ruim”. A senhora volta a atacar: “Mas nós queremos e o povo brasileiro é a maioria”. Renato retruca: “Eles estavam aqui bem antes da gente”. Dona Felícia muda de assunto: “Se me permite perguntar: o que exatamente o senhor faz?”. Renato volta a responder: “Estou convencendo eles a se mudarem para longe de onde a estrada vai passar.” A senhora esboça um sorriso. “Ah, muito bom. Mas se eles não quiserem mudar o que vai acontecer? Renato conclui abruptamente: “Infelizmente para eles, o governo vai fazer o que quiser.”

24 - Mata. Dia. Flashback. Imagens em Preto e Branco.

Índios suyá correndo desesperados na selva. Entra voz em *off* de Miguel: “Eu sou filho de Manicorá, antes dela ter este nome. Nós chamávamos de Wapixara-San, a terra que nos fez gente”. Imagem: Uma jovem indígena corre abraçada com um menino de quatro



anos. Voz em *off* de Miguel: “Me lembro da minha mãe me carregando no peito. Do vento e do medo”.

Imagens. Homens brancos armados de espingardas e com cachorros latindo.

Voz em *off* de Miguel: “Me recordo do cheiro da morte. Nunca mais me esqueci”. Imagens. A indígena é baleada. Cai no chão. É cercada pelos cachorros. O garotinho chora no chão. Os cães investem sobre a indígena. Gritos. Um dos caçadores de índios pega a criança.

25 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Miguel conta para Douglas: “Foi assim que eu vim parar aqui. Virei sertanista. Que mais podia fazer? E você. O que o trouxe até aqui?”. Douglas responde: “Foram os gritos. Os gritos de uma índia, muito velhinha, pedindo para não morrer”.

26 - Fazenda de Belmiro. Sede. Dia

Geraldo apresenta Raimundo a Belmiro. O mateiro fala que a tantos quilômetros tem um remanso do rio. E acrescenta: “Geralmente os índios fazem aldeia perto de onde tem água boa e tranquila. Aliás, um cunhado meu, com uma posse naquelas brenhas, de vez em quando avista um deles”.

Belmiro fica satisfeito: “Bom, muito bom. Você topa ser o guia do Geraldo?”. Geraldo intervém: “O preço já está acertado”. Raimundo e Belmiro apertam as mãos. O mateiro sai, Belmiro diz para Geraldo: “Pois então você já sabe o que fazer. Vamos ajudar o governo a fazer o que é preciso.”

27 - Manicorá. Puteiro. Noite

O ambiente é pobre. Uma espécie de balcão, algumas mesas e cadeiras, algumas moças circulando e uns enfeites na parede. Douglas atravessa uma porta de fitas e adentra o recinto. Parece procurar alguém. Não encontra. Várias moças sorriem para ele. Pega uma cerveja e senta sozinho numa

mesa. Juliete se aproxima e pede para beber com ele. Ela pergunta: “Tá procurando a Candice ou eu também sirvo?”. Douglas responde: “Adivinhou, mas senta aqui comigo que um pouco de companhia faz bem.” Ela se aproxima e revela: “Ela tá com um cliente, mas já volta”. Douglas provoca: “Como você sabe que ela vem logo?”. Juliete responde maliciosa: “Ela não gosta dele.” Douglas repara numa loura que passa fazendo charme e observa que na casa estão algumas meninas novas. “São as catarinenses. Estrada abrindo, peão chegando. A mulherada vem atrás”. Douglas pergunta: “E você como veio parar aqui?”. Juliete diz “Ah não vem com este papo chato. Por que todo homem quer saber da onde as putas vem? Viemos do mundo ou melhor de debaixo da terra, ali pertinho do inferno. Eu vou pedir uma música e vamos dançar, tá”. Ela faz um sinal para o homem atrás do balcão, onde fica uma vitrolinha e pede: “Aquela!”. O sujeito bota um disco e começa a tocar *Je t'aime, moi non plus*.

Ela puxa Douglas e os dois começam a dançar. Outros clientes se animam e começam a dançar com as moças. Quando a música está para terminar, surgem Candice e Geraldo vindos do fundo da casa. A música termina, Geraldo passa por Douglas e lhe entrega Candice, dizendo “Aí, sócio. Tá liberada”. Geraldo vai embora. Juliete olha para Douglas que está meio desconcertado e diz: “Fica assim não benzinho, lavou tá novo”.

28 - Manicorá. Beira-rio. Noite

Geraldo chega junto de duas canoas. Vários homens em volta. Geraldo abre um saco e vai distribuindo armas para cada um deles. Depois disso embarcam e ganham o rio.

29 - Aldeia Wamoakrin. Noite

Na porta de sua oca, Akrimatã conversa com Makotirene. Diz para o pajé que tem sonhado e visto coisas estranhas. Ela está com medo.



30 - Manicorá. Puteiro. Quarto. Noite

Candice, sentada na cama, de pernas cruzadas conversa com Douglas, na beira da cama. Candice está no meio de sua história: “De meu pai e minha mãe não me lembro não. Quem me criou foi meu tio. Foi ele também que me tirou o cabaço. Mas, você não veio aqui para ouvir história triste e ficar comigo por pena, não é?”. Douglas: “Não. Eu gostei da outra noite”. Candice: “Quando eu faço com gosto é melhor” Ela abraça o rapaz e o puxa para o leito: “Vem, vamos fazer. Hoje, eu ainda não gozei”. Os dois se atacam.

31 - Rio. Canoas. Noite

Duas canoas, conduzindo a expedição de Geraldo, deslizam pelo rio. Raimundo vai na proa do barco dianteiro. Ele indica um lugar na margem. Os barcos encostam. Os homens armados desembarcam.

32 - Mata. Noite.

O bando de Geraldo vai caminhando por uma trilha. Guerreiros wamoakrin de vigia em cima das árvores começam a assobiar. Os atacantes se alarmam. Um jovem wamoakrim desce da árvore e começa a correr.

33 - Aldeia Wamoakrin. Noite

Akrimatã continua relatando seus sonhos. Fala dos espíritos pintados de jenipapo. O jovem wamoakrin entra correndo na aldeia anunciando o ataque. Cai atingido por uma bala. Akrimatã e Makotirene se levantam, assustados.

O grupo de Geraldo entra na taba. Os indígenas começam a sair de suas ocas e vão sendo derrubados pelo fogo dos atacantes. Manawara escapa dos tiros e dispara seu arco. Atinge um jagunço no ombro. Txara, Manawara, Makotirene, Waraton e outros guerreiros tentam fazer uma barreira de flechas para permitir a fuga das mulheres e crianças. Um jagunço enfia o cano de uma espingarda na palha da oca e começa a atirar matando os indígenas no seu interior. Em outra, os atacantes retalham uma mulher wamoakrin com um facão. Txara e Nambebe são mortos. Akrimatã se ajoelha diante dos corpos dos pais e recolhe o cocar paterno. Geraldo se aproxima com a arma apontada, mas é atingido por uma flecha no braço, disparada por um guerreiro. Akrimatã se aproveita e foge. Maragó e Makotirene comandam o recuo para a floresta.

34 - Mata. Noite

Akrimatã corre solitária pela mata, levando nas mãos o cocar do pai.

FIM DO EPISÓDIO

Dia do Índio



01 - Imagens de Arquivo de Expedições de Rondon.

Texto lido em off, exaltando o desbravador que fundou o Serviço de Proteção aos Índios e é o patrono da causa indígena no país.

02 - Estúdio de TV. Dia

Apresentadora de TV lembra as palavras de Rondon: “Morrer se for preciso, matar nunca”. Recorda que hoje é dia 19 de Abril. O Dia do Índio.

03 - Créditos de Abertura

04 - Rio. Canoa Indígena. Dia

Canoa, com Waraton ferido e inconsciente, à deriva, se aproxima da margem de Manicorá.

05 - Manicorá. Hospedaria. Quarto. Dia

Douglas entra apressado no quarto de Renato, tira o sertanista da rede, fala em tom de urgência que precisam ir até o cais da cidade

06 - Manicorá. Beira-rio. Dia

A canoa, encalhada na margem, já é cercada por alguns curiosos. Renato e Douglas chegam. Renato faz as pessoas se afastarem e carrega Waraton nos braços.

07 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Renato percebe o ferimento à bala de Waraton e manda Douglas ir buscar o enfermeiro no posto de saúde. Renato ajudado por Miguel tenta estancar o sangue do ferimento.

08 - Manicorá. Orla. Dia

Geraldo e alguns jagunços chegam ao local onde a canoa está encalhada. Fica sabendo que o indígena foi levado por Renato para a Funai e se irrita. Murmura para um jagunço: “Não era para este filho da puta aparecer”.

09 - Manicorá. Rua. Dia

Já trazendo o enfermeiro, Douglas cruza com Geraldo e seu bando. Tensão no ar. Geraldo manda o enfermeiro voltar. Douglas resiste. Geraldo retruca: “Não pensei que você tivesse chegado a este ponto”. Douglas contesta: “É uma vida humana”. Geraldo se exalta: “É um índio, e quem não sabe se não é mesmo que matou o rapaz, morador daqui. A vida do índio vale, a de um assassino vale, e a um de morador, não?”. Douglas diz que vai passar. Geraldo vai impedir? Geraldo cede a passagem, contrariado.

10 - Manaus. Escola. Dia

Nos bastidores, Dora veste Iracema com a roupa de índio, no meio de outras crianças. Ela coloca a tiara indígena cabeça da filha.



**11 - Aldeia Bororo. Sala de Aula. Dia
Flashback. Preto e Branco**

Legenda. Aldeia Bororo, Mato Grosso, dez anos antes

Na escola da aldeia, uma professora branca está dando uma aula de português para crianças bororos entre dez e doze anos. A mestra chama Maiopada, uma bela pré-adolescente, usando um colar de sementes, para a frente da turma. Maiopada começa a ler uma redação que ela escreveu em português sobre a sua aldeia. É um texto feliz, onde ele fala de seus pais e das coisas que gosta de fazer. Os demais alunos acompanham com atenção. Ela termina, recebe os parabéns da professora e toda contente volta ao seu lugar.

12 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

O enfermeiro termina de extrair a bala. Waraton está deitado numa rede, apenas murmurando, sem retomar totalmente a consciência. Miguel despeja um líquido por sua boca. O enfermeiro diz que ele está desidratado e faminto. É bom tomar sopa e agora precisa descansar.

13 - Manicorá. Frente do Posto da Funai. Dia.

Geraldo e seus homens começam a incitar a população contra o suposto assassino de Joel. Alguns populares vão se juntando.

14 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Renato, Miguel e Douglas almoçam. Waraton dorme. De repente o barulho de um alto-falante irrompe pela sala. Renato vai até a janela. Pela boca de ferro, a voz de João Walter açula a população contra o “índio matador” e pergunta se o povo vai deixar um assassino escapar impune. Já é maior o número de pessoas cercando o posto. Renato se vira para Douglas e diz que isto vai terminar em confusão. Tenta acionar o rádio, para falar com Manaus. Não consegue. O aparelho está com problemas.



**15 - Manaus. Auditório de
Televisão. Dia**

Macedo num programa de televisão. Ele é entrevistado sobre os problemas com os wamoakrins na construção da estrada. Afirma que os problemas foram superados. Lamenta a morte do trabalhador, mas condena a precipitação dos empreiteiros. Os indígenas são bons, mas é preciso dar tempo e ter paciência. Afinal, somos nós que estamos entrando na

terra deles. A entrevistadora pergunta sobre os próximos passos. Ele responde que a Funai vai organizar uma nova expedição. Tem certeza: tudo vai acabar bem,

16 - Aldeia Bororo. Escola. Flashback. Preto e Branco

A aula prossegue. Entra na sala Abreu, indivíduo branco de meia-idade. A professora interrompe a classe. Abreu cochicha algo no seu ouvido e vai embora. A mestra diz para a turma que as meninas devem sair para entrarem em formatura na frente da escola. Pede que elas se levantem. Apreensivas, Maiopada e as outras meninas se põem de pé.

17 - Manicorá. Estúdio de Rádio. Dia

João Walter vomita ódio no microfone, contra os wamoakrin, estimulando as pessoas a fazerem justiça com as próprias mãos

18 - Manaus/ Escola/ Pátio. Dia

No pátio, Iracema e outras crianças realizam uma atividade lúdica referente ao Dia do Índio. Iracema está usando a tiara indígena. Na platéia, Dora assiste feliz e manda um beijo para sua garota.



19 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Douglas está tentando consertar o rádio, mas, sem sucesso. Renato volta a olhar pela janela. Na frente do posto já tem uma pequena multidão cada vez mais excitada pelas palavras de João Walter.

20 - Manicorá. Frente do Posto da Funai. Dia

Do lado de fora, Geraldo, gritando, exorta Renato e Douglas a entregar o indígena.

21 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Waraton desperta. Estranha tudo e todos. Está assustado. Miguel tenta trocar com ele algumas palavras. Waraton vê Renato e se encolhe, com receio. Miguel o tranquiliza. Renato aos poucos consegue trocar algumas palavras com o wamoakrin. Waraton narra o massacre, horrorizando Renato, Douglas e Miguel.

22 - Manaus. Auditório de Televisão. Dia

Encerramento do programa. A apresentadora se despede de Macedo e lembra novamente que hoje é o Dia do Índio. Devemos nos lembrar com carinho dos primeiros brasileiros. Conclui, conclamando todos a abraçar nossos irmãos.

23 - Aldeia Bororo. Frente da Escola. Dia. Flashback. Preto e Branco

As meninas bororos estão formadas na frente da escola, sob o olhar da professora e de Abreu, que está ao lado de Seabra, outro indivíduo de cor branca. Abreu faz um gesto com as mãos como que oferecendo as meninas. Seabra começa a caminhar entre as fileiras examinando as garotas com o olhar. Passa por Maiopada que prende a respiração. Ele segue adiante. Maiopada fica aliviada.

24 - Manicorá. Em Frente ao Posto da Funai. Dia

Renato sai do posto e desafia a multidão. Diz que quem está lá dentro não é um índio. É um wamoakrin. Tem nome: Waraton. Foi vítima de um bárbaro ataque que destruiu sua aldeia. Feito por homens brancos. Com fuzis, machados e facões mataram homens, mulheres e crianças. Pergunta diretamente a Geraldo, se ele não tem nada a ver com isto. Geraldo quer saber se o agente da Funai o está acusando de um crime. Não, ainda não, é a resposta. A pequena multidão prorrompe em vaia. Renato volta para o posto.

25 - Brasília. Sede da Funai. Dia

Bentes dando uma entrevista coletiva pelo Dia do Índio. Ressalta que os indígenas também querem o progresso e prossegue: "A integração dos índios a nossa sociedade é uma demanda nossa e deles. Somos 100 milhões de habitantes e as terras do Brasil são de todos os brasileiros. A Funai trabalha para fazer da integração nacional uma realidade".

26 - Manicorá. Frente do Posto da Funai. Dia

Geraldo berra não ter nada contra a Funai, nem contra o governo. É só Renato entregar o indígena e todos irão embora. Se não entregarem por bem eles vão arrancar o índio na marra.

27 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Douglas consegue finalmente consertar o rádio e faz contato com a Funai de Manaus. Renato pega o microfone e pede urgente um avião para retirar um índio ferido. Manaus responde que existe um avião numa cidade próxima, mas tem um problema. Se decolar agora o aparelho vai chegar em Manicorá quando estiver escuro. Renato manda vir o avião e garante: a pista estará iluminada.



28 - Manicorá. Frente do Posto da Funai. Dia

Pelo alto falante, a voz de João Walter continua incitando os moradores contra o “índio assassino”. Com Geraldo à frente, a pequena multidão se encaminha para o Posto. Geraldo vai falando em voz alta que estão indo buscar o matador e fazer justiça. Geraldo estanca o passo a poucos metros da entrada do Posto. É a última oportunidade para que o “assassino seja entregue pacificamente à população de Manicorá”.

29 - Aldeia Bororo. Frente da Escola. Flashback. Preto e Branco

Seabra chega até a última a bororo. Volta atrás, para na frente de Maiopada, dá mais um olhar como se decidindo e aponta para ela. Diz para a menina: “Vem com o tio”. Maiopada não se move. Ele pega na sua mão e a arrasta. Passam na frente da professora. Maiopada olha para a mestra pedindo ajuda. A professora baixa os olhos.

30 - Manicorá. Frente do Posto da Funai. Entardecer

Sol baixando no horizontote. A porta do Posto se abre e aparecem Douglas e Miguel. Surpresos, os manifestantes se detêm. Sem dar uma palavra, os dois atravessam a multidão hostil, entram no carro da Funai e vão embora.

31- Manicorá. Posto da Funai. Entardecer

Pelo rádio, Renato recebe a confirmação: o avião já está no ar. Checa as horas e diz para Waraton: “Agora é esperar”.

32 - Manicorá. Pista de Pouso. Anoitecer

Miguel e Douglas rolam tambores de gasolina para a pista.

33 - Manicorá. Frente do Posto da Funai. Noite

Na porta do posto, Geraldo fala que Renato está sozinho. Espera que o sertanista não

cometa nenhuma imprudência. Eles vão entrar. Em seguida começa a agitar o público para a invasão. Dentro do posto, Renato pega uma espingarda num armário, carrega e engatilha a arma. Pela janela vê a chegada do carro da Funai, com Douglas ao volante. Geraldo e alguns manifestantes caminham em direção do Posto.

A porta se abre, mostrando Renato, com a carabina empunhada e com Waraton ao seu lado. Renato aponta e atira estilhando o alto-falante e silenciando a voz de João Walter. Aproveitando a surpresa, começa a falar. Diz para as pessoas que elas já perderam muito tempo e se continuarem insistindo poderão sofrer consequências por atacar um prédio do governo federal. O entusiasmo dos manifestantes arrefece. Começam a se dispersar.

Renato afirma que vai sair dali com o wamoakrin e espera que seja em paz. Ele e Waraton passam pelo meio do ajuntamento já meio desfeito. Cruzam com o olhar de ódio de Geraldo e entram no carro e partem. Geraldo e seus homens entram numa camionete e seguem atrás.

34 - Estrada. Noite

Pelo retrovisor, Douglas percebe que estão sendo seguidos pelo carro de Geraldo, que se aproxima. A camionete tenta abalroar o veículo dos sertanistas. Renato manda acelerar. A perseguição prossegue, levantando poeira na estradinha de terra, iluminada por faróis. Douglas consegue ampliar a distância.

35 - Manicorá. Pista de Pouso. Noite.

O monomotor aterrissa na pista iluminada pelos latões de gasolina em chamas. O piloto desce do aparelho e é recebido por Miguel. Pergunta pelo índio que vai transportar. Quer partir o mais rápido possível. Miguel aponta para os faróis que se aproximam na noite. Diz que já estão chegando. O carro dos sertanistas estaciona. Douglas, Renato e Waraton saem do carro. Douglas e Miguel



conduzem Waraton até o avião. Renato espera com a espingarda apontada.

Chega o carro de Geraldo. Ele salta acompanhado dos jagunços. Renato acompanha Geraldo com a arma apontada para o peito de Geraldo, que dá um passo em direção ao oponente. Renato engatilha a arma. Geraldo, sarcástico, diz: “Morrer se for preciso, matar nunca”. Renato responde: “Índios. Só não pode matar índios”.

Antes de embarcar, Waraton pouco assustado pergunta: “Eu vou para o céu?”. Douglas responde: “Vai”. Waraton embarca. O avião decola.

36 - Avião. Noite

No céu, Waraton com o rosto pregado no vidro, observa extasiado as poucas luzes de Manicorá se afastarem.

37 - Puteiro. Noite

Início de expediente. As garotas vão se espalhando pelas mesas. Numa delas, Candice mexe no colar de sementes que traz ao pescoço. Candice conversa com Juliete que está na sua frente. Diz: “Fui dada em troca ao homem que eu chamava de tio por um fogão de barro que ele construiu para o funcionário do Serviço de Proteção ao Índio. Nunca mais vi meus pais. Meu nome era Maiopada”.

38 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Noite

Dora pondo Iracema para dormir. A menina está de pijama com a tiara indígena ainda na cabeça. Ela pergunta a mãe se pode dormir com o enfeite. Dora a beija, contente e diz: “Feliz Dia do Índio”.

FIM DO EPISÓDIO



Em Nome de Deus



01- Aldeia dos Arapaus. Dia

Legenda identifica

Numa espécie de celebração, coordenada por João e Pedro, dois indígenas, vestidos por túnicas, vários arapaus jogam numa fogueira colares, brincos e outros adereços. Se aproxima um velho pajé levando seu maracá nas mãos. Ele hesita diante do fogo. João o incentiva a se desfazer do instrumento mágico. “É um chocalho de Satanás que conduz diretamente ao inferno”. O pajé vacila, mas ao fim, intimidado, joga o maracá nas chamas.

02 - Aldeia dos Arapaus. Interior de Oca. Dia

O pastor Jonathan escreve uma carta para sua congregação nos Estados Unidos. Fala de sua paixão pelo trabalho de conversão dos índios, da experiência magnífica de conduzir estes povos ao amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. João Arapau, o mesmo da cerimônia da queima do maracá, o chama dizendo que tudo está pronto.

03 - Aldeia dos Arapaus. Dia

Na beira do rio, se processa um batismo em massa dos arapaus. Jonathan é auxiliado por João Arapau e Pedro Arapau. O espetáculo da conversão é ao mesmo tempo dramático e constrangedor. O pastor mergulha Pedro nas águas e depois o batiza de Pedro, o primeiro apóstolo e justifica: “Tu serás o primeiro construtor de nossa Igreja, na Amazônia”. Batiza João e justifica: “Como o apóstolo querido de Jesus verás e anunciarás o Apocalipse”.

04 - Créditos de Abertura

05 - Aldeia Wamoakrin. Dia

Ocas destruídas, com os corpos estendidos pelo chão, algumas cabanas incendiadas. Renato, Waraton, Douglas reconhecem os corpos de Txara e Nambebe. Waraton demonstra toda sua dor ao encontrar os cadáveres de seus familiares. Renato tudo fotografa. Douglas se aproxima de Miguel que está olhando ao longe. Diz: “Ela não está aqui. Pode ter escapado. Tenha fé”.

06 - Mata. Dia

Akrimatã caminha chorando, levando uma criança nas costas. Comandados por Maragó, os indígenas caminham pela floresta. Aqueles feridos são ajudados pelos demais. Chegam num ponto próximo a um rio. Makotirene vê um gavião real cruzar o céu. Faz um sinal com a cabeça para Maragó. A marcha se detém. É neste lugar que construirão a nova aldeia.

07 - Brasília. Lago do Paranoá. Dia

Numa lancha de passeio, Bentes e Macedo pescam. Bentes fala de iscas e modos de pescar. Pergunta a Macedo sobre especificidades dos peixes amazônicos. O insólito diálogo prossegue até Macedo puxar o assunto dos wamoakrins. Fala que a situação está piorando. Cita o massacre e mostra as fotos enviadas por Renato. Bentes pergunta: “Eles saíram da área?”. Macedo não acredita: “Eles são muito apegados ao seu território. Provavelmente estão num ponto mais ao norte, seguindo o curso do



rio". Por isto está preparando uma nova expedição, comandada outra vez por Renato.

Com o ataque à aldeia os wamoakrins estão mordidos. Renato tem experiência e já os conhece. Bentes, pergunta: "Sabe por que te chamei pra pescar, Macedo? Eu queria te mostrar isto". Passa um envelope e manda o outro abrir. Dentro um dossiê da Assessoria de Segurança Interna da Funai sobre Renato. No informe está sublinhado que ele é casado com Dora, uma notória subversiva. Bentes prossegue: "Este informe é da própria Funai, Macedo, da tua assessoria de segurança. Você não sabia?". Macedo retruca: "Conheço a Dora, isto é uma maldade. No máximo teve uma aventura na juventude". Bentes: "Abre teu olho. Amizades podem ser muito perigosas e este Renato está fora. A estrada é assunto de segurança nacional. Não quero comunistas nem marido de comunista metido nisso."

Entrega as fotos de volta para Macedo e diz: "Se estas fotografias forem divulgadas trarão uma péssima repercussão internacional para o governo. Pega elas, os negativos e faz igual a um ritual indígena: queima e depois joga as cinzas no rio".

08 - Rio de Janeiro. Bairro do Subúrbio. Dia

Legenda indica.

Uma casa em rua pacata do subúrbio é cercada por carros e policiais. Dentro da residência, Santiago, uma jovem e um rapaz se preparam para a resistência. Santiago quebra o vidro da janela com a coronha de uma metralhadora e dispara uma rajada. Os policiais respondem com vigor. A casa é perfurada por balas. O rapaz morre. Santiago e a jovem tentam romper o cerco à bala. A garota é atingida e cai. Santiago consegue escapar.

09 - Brasília. Sede da Funai. Dia

Pastor Jonatahan oferece seus serviços como pacificador de índios ao General Bentes. Conhece as dificuldades que está passando com os wamoakrins. Ele sabe como resolver.

10 - Nova Aldeia Wamoakrin. Dia

Os homens wamoakrins constroem as ocas da nova aldeia. As mulheres preparam comida. A velha Apeterewa está pintando Akrimatã, em frente a uma oca que Maruwin está fazendo. Enquanto pinta, Apeterewa vai dizendo: "Akrimatã perdeu o pai, perdeu a mãe e agora fica com a gente. Não vai ficar sem família, não". Akrimatã sorri agradecida.

11- Rio de Janeiro. Rua. Dia

Santiago caminha por uma rua movimentada, olha a vitrine de uma loja, vai até uma banca de jornal, olha em volta. Vê Maria, uma jovem de cabelos curtos, num ponto de ônibus. Pesquisa os arredores com o olhar e se aproxima. Pergunta as horas para a jovem que responde informando a hora, minuto e segundo. São a senha e contrasenha. Os dois se afastam caminhando.

A jovem informa que é preciso deter as quedas, a organização está se esfacelando. O que restou da direção resolveu um recuo geral, todas as ações estão suspensas por tempo indeterminado. Pergunta se Santiago tem para onde ir. Os aparelhos de retaguarda estão superlotados. Santiago pensa um pouco e diz sim. O lugar onde nasceu, mas é longe. Maria fala que não importa. Segreda algo ao seu ouvido: é o próximo ponto mas só daqui a seis meses. Santiago pergunta: "É o fim?". Ela responde: "Pode ser um recomeço". Os dois se abraçam. "Até mais ver camarada". Santiago responde: "Fiquem bem." Com emoção contida, se despedem e tomam rumos diferentes.

12 – Manaus. Casa de Renato e Dora. Noite

Dora desperta sozinha na cama. Vai até a sala onde Renato está pensativo numa poltrona. Ele não consegue dormir. Está preocupado com os wamoakrins. Ela pergunta: "Você não já mandou as fotos?". Ele responde que mandou as fotos para Macedo e até agora não teve resposta. Para Dora a Funai não vai fazer nada. Renato retruca: "Não é possível



que ignorem um massacre”. Dora: “É possível isto e muito mais. Essa gente não tem limites”.

13 - Parada de Ônibus Interestadual. Dia

Santiago desce de ônibus interestadual junto com outros passageiros Toma um café. Pendurado na parede um cartaz de Terroristas Procurados. As fotos estão com um cruz na testa pintada por uma caneta. Todas as fotos, menos uma com o rosto dele ainda bem jovem.

14 - Nova Aldeia Wamoakrin. Noite

Um ritual fúnebre. Os wamoakrins choram em volta de uma grande fogueira. Todos estão pintados de preto com uma faixa vermelha na altura dos olhos. Akrimatã se aproxima da fogueira. Emocionada, pronuncia algumas palavras e joga o cocar de seu pai no fogo.

15 - Manaus. Escritório da Funai. Dia

Macedo recebe o pastor Jonathan, com visível má vontade. O americano foi indicado por Bentes para chefiar a nova missão junto dos wamoakrin e cabe a Macedo encaminhar as coisas. Macedo alerta o pastor: os wamoakrins sofreram um ataque e sua reação é imprevisível. É preciso tomar muito cuidado. Pergunta pela prática de Jonathan no assunto.

O pastor responde, citando sua experiência com os arapaus. Orgulhoso, faz referência ao batismo coletivo realizado recentemente. Macedo retruca: cada povo é um povo, com características e particularidades originais. Os wamoakrin são guerreiros e muito ciosos de seu território. É atalhado por Jonathan de forma autossuficiente. Arrogante, pergunta: “O seu problema é pacificar os wamoakrins, não é mesmo?”. Ele tira da bolsa uma Bíblia e a deposita na mesa. Diz: “A palavra do Grande Pacificador da Humanidade. É tudo que eu preciso.”

16 - Nova Aldeia Wamoakrin. Dia

Akrimatã está na porta da oca e repara em Manawara carregando uma caça. Ele entrega um pedaço da presa para uma bela wamoakrin. Akrimatã fica triste e revela para Apeterewa seu temor que nenhum guerreiro se interesse por ela. Quem vai querer ficar com uma mulher que foi violentada por um branco? Ela se pergunta por que tantas coisas ruins caíram sobre sua cabeça. Apeterewa procura tranquilizá-la. Serve para ela um mingau de banana e brinca: “Manawara é bobo. Logo vai ter um guerreiro forte e bonito querendo você.”

17 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Noite.

Dora está lendo um livro para Iracema quando batem à porta. Vai atender. É Macedo. Ela grita para Renato, anunciando o visitante. Os dois se sentam. É visível a falta de jeito de Macedo enquanto Dora faz sala para a visita. Renato chega e antes mesmo de cumprimentar seu chefe diz: “Na Antiguidade os mensageiros com más notícias eram mortos”. Macedo indaga: “E como você sabe que trago más notícias?”. Renato responde: “Se fossem boas você não viria aqui em casa de surpresa”. Macedo responde: “Por isso você é um bom sertanista. Vê longe. Mas é um pouco pior do que você pensa. Vão mandar um pastor americano no seu lugar”.

Renato extravasa sua raiva: “Vão mandar, não, Macedo. Você vai mandar.” Macedo abre os braços como quem diz: o que eu posso fazer? Depois prossegue: “Tem mais uma coisa: Eles tem um dossiê onde você é colocado sob suspeita”. Renato pergunta: “E o que eu fiz?”. A resposta: “Você nada. O problema deles é com a Dora”. Ela pergunta: “Como assim?”. Macedo prossegue: “Parece ser uma coisa do tempo da tua faculdade”. Dora: “Mas em 68, todo mundo fazia movimento”. Macedo: “Pois é, mas quando eles cismam com alguém, fica marcado”.

Cada vez mais agitado, Renato intervém perguntando pelas fotos. Macedo tira da sua pasta o envelope e o entrega para o



sertanista, dizendo que o General Bentes resolveu ignorar o massacre. Dora fala para Renato: “Eu não disse?”, e em seguida pega o envelope das mãos do marido: “Pode deixar, eu guardo”.

18 - Belém. Rua. Dia

Legenda indica

Santiago caminha, reparando nas tacacazeiras, vendendo seus quitutes, bonitas, com o ramo de baunilha, pendurado atrás da orelha, os casarões coloniais, as vendas de peixes. Ele se aproxima de um quiosque que vende passagens de barco. O vendedor pergunta: “Para onde?”. Manaus é a resposta.

19 - Manaus. Redação de Jornal. Dia.

Dora entra na redação de jornal em momento de plena efervescência. Jornalistas batucam as máquinas freneticamente. Ela se dirige à mesa central, onde está Milton, o editor. Ele a recebe afetuosamente. Dora mostra as fotografias e pergunta se tem alguma chance de publicar. Milton se impressiona com o material, pergunta sua origem. Dora conta a história do massacre. Depois de ouvir, Milton aponta para um cidadão que está numa mesa um pouco afastada. Pergunta: “Sabe quem é ele?”. E antes que Dora responda, prossegue: o censor. E complementa: “Fotos chamam muito atenção. Não tem como passar”.

20 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Renato orienta Douglas. Seu novo assistente vai na nova expedição. Deverão explorar a cabeceira do rio Alajú.

Segundo Waraton, foi para lá que Maragó deve ter levado a sua gente. Para Douglas quem deveria ir é Renato. Ele descarta: não tem estômago para aguentar pastores travestidos de



sertanistas, mas se preocupa com a sorte da expedição e principalmente com os wamoakrins. Douglas vai para garantir que nenhum desastre aconteça. Renato ficará na retaguarda. Os dois estarão em comunicação permanente pelo rádio.

21 - Estreito de Breves. Barco de Passageiros. Dia

Na amurada da embarcação, Santiago aprecia a beleza da paisagem. Remando furiosamente um garoto e sua irmã acompanham o rumo da embarcação numa pequena canoa. O garoto arremessa um gancho de abordagem e prende sua canoa ao barco. Agilmente, sobe para o convés e com ajuda da sua irmã que vem atrás começam a vender frutos e outros produtos da selva.

Santiago se aproxima de um caboclo de meia idade, bem apessoado. Procura puxar papo. Pergunta se o homem é de Manaus, Ele responde que vive lá há quarenta anos. Santiago volta a perguntar: “E é bom lá? O homem responde: “Terra boa. Para quem quer começar a vida, é muito bom”. Terminadas as vendas, a menina vai descendo pela corda para sua canoa. O garoto sobe na balaustrada, se despede dos passageiros com um gesto, se lança no rio e sai nadando em direção a canoa.

22 - Manicorá. Beira-rio. Por do Sol

Renato pensativo olha o rio e aprecia a natureza. A poucos passos chega um jipe. Descem o pastor Jonathan e seus acólitos. Pedro e João. Os três se ajoelham e estendem as mãos para os céus dando graças a Deus. Renato olha a cena com indistigável rancor.

23 - Nova Aldeia Wamoakrin. Dia

No centro da taba, Maragó ensina a dois adolescentes a arte do arco e flecha. O alvo é um pedaço de madeira onde tem um peixe desenhado com carvão. Maragó aconselha como pegar o arco e retesar a corda. Os jovens disparam. As flechas atingem a madeira mas não o desenho. Maragó pega o



arco, empunha e atira. A seta voa direto para o olho do peixe. Maragó diz para os jovens: “Flecha no olho. Inimigo morto”.

24 - Manaus. Aeroporto. Dia

No saguão, Dora se encontra com o professor André que está embarcando para a França. Passa para ele o envelope com as fotos, fala rapidamente sobre seu conteúdo e pede para entregá-lo a uma amiga francesa, jornalista em Paris. Se despede dizendo: “O mundo precisa saber”.

25 - Manicorá. Templo. Dia

No interior de um pequeno templo evangélico se organiza a expedição de Jonathan para os wamoakrin. Passam pessoas carregando sacos e outros objetos. Pedro Arapau está arrumando uma caixa com espelhos, crucifixos e outras bijuterias. Douglas chega e diz: “Isto entre os wamoakrins não faz sucesso. Melhor não levar. Pesa e não vai ter utilidade”. O pastor chega. Douglas se apresenta: representante da Funai na expedição. Jonathan pergunta: “É você que veio ensinar ao vigário rezar missa?”. Douglas responde: “Na mata, experiência conta”. O pastor dá o troco: “Isto eu tenho de sobra”. Douglas replica: “Mas não conhece os wamoakrins. Eu conheço”. O pastor sorri gelado e diz entredentes: “Então, benvindo irmão”.

26 - Manaus. Faculdade. Dia

Dora terminando a aula. Os alunos se despedem e saem. A professora Lúcia entra na sala e avisa Dora que tem uma pessoa perguntando por ela na cantina. Dora estranha, mas resolve verificar. Chegam na cantina, a professora aponta um homem de costas bebendo um café. Dora pergunta: “O senhor está me procurando?”. A pessoa se vira. É Santiago. Ao ver Dora sua expressão se ilumina. Dora sorri atônita. Ele diz: “Atravessei um país inteiro para te ver”.

27 - Manaus. Sorveteria. Dia

Dora e Santiago saboreiam sorvetes. Ele diz: “Cupuaçu. Morrendo de saudade”. Dora: “Há muito tempo que você não prova?” Santiago: “Eu estava longe”. Dora: “E de repente, resolveu voltar, aparecer”. Santiago: “Estou fugindo”. Dora: “Tá precisando de ajuda?”. Santiago: “Um lugar para ficar, já ajudava muito”. Dora, franze o cenho: “Eu não posso”. Santiago: “Casou?”. Dora: “Também, mas não é por isso. Fiquei sabendo que fui fichada”. Santiago: “Mas tem movimento aqui?”. Dora: “O passado condena”.

28 - Brasília. Campus UNB. 1968. Dia. Flashback. Preto e Branco

Legenda indica.

A Universidade está sendo invadida pela polícia. Estudantes, entre eles, Santiago e Dora (cinco anos mais jovens) correndo juntos, procuram escapar. Explodem bombas de gás lacrimogêneo. A passagem dos universitários é interceptada por uma força de choque policial. Os policiais avançam distribuindo cacetadas. Santiago e Dora conseguem fugir da brutalidade. Se escondem ofegantes por detrás de um muro.



29 - Manaus. Sorveteria. Dia

Santiago: “Parece que foi em outra vida”. Dora: “E foi. Hoje estou casada, adivinha com quem? Santiago: “Renato?”. Dora: “Foi, tenho uma filha, dou aula na Universidade. Você tem como se aguentar aqui?”. Santiago: “Por enquanto estou numa hospedaria. Tenho um pouco de dinheiro. Dá para alugar um quatinho por um tempo”. Dora: “Veio para ficar?”. Santiago: “Não sei. Mas quero te ver outra vez.”

30 - Manicorá. Rua. Beira-rio. Dia

Candice caminhando. Chega até próxima ao pier. Vê a embarcação do pastor Jonathan



receber as últimas cargas. Para e fica observando Douglas conversar com Renato, que passa as últimas recomendações. Ficarão defendendo a retaguarda, 24 horas ao lado do rádio. “Fica alerta e te cuida. Qualquer problema é só gritar”. Douglas percebe Candice que lhe manda um discreto aceno e sorri para ela. Renato acompanha o olhar de Douglas e também vê Candice. Brincando comenta: “É sua namorada? Quer ser corno profissional?”. Douglas fica meio desconcertado. Renato ameniza a brincadeira: “Vai lá se despedir dela”. Douglas vai até Candice. Se abraça e ele tenta beijá-la na boca. Candice escapa, dizendo “Eu não beijo na boca”. Douglas não sabe o que fazer. Ela ri, se atira em seus braços e dá um prolongado beijo na boca do sertanista.

31- Manaus. Bairro de palafitas. Casa de Santiago. Dia

Santiago abre a porta de um casebre de madeira e entra carregando uma mala. Tudo vazio. Ele pendura a rede e senta. De repente se dá conta que na janela, apoiado no batente, está Januário, um homem dos seus sessenta e cinco anos, feições e cabelos indígenas, vestido de camisa e short. Ele observa o outro, em silêncio. Depois de alguns segundos, já um pouco incomodado, Santiago puxa a palavra: “Boa tarde, acabei de mudar. O senhor é vizinho?”. Januário: “Boa tarde, seja bem vindo. O senhor já almoçou?”. Santiago diz que ainda não. Januário prossegue: “Se o senhor seguir direto pela estiva, a terceira casa do canto direito, é onde eu moro. Minha mulher serve um peixe bom”. Santiago agradece e Januário, inclina a cabeça num mudo cumprimento e vai.

32 - Manaus. Bairro de palafitas. Casa de Januário. Dia.

A casa também funciona como um pequeno restaurante popular. Santiago terminou de comer. Ele agradece a Januário: “O peixe estava uma delícia. Foi o senhor que pescou?” Resposta: “Não, pesco não. Eu faço

frete. Tenho um barco pequeno. Transporto gente e mercadoria para as redondezas”. Santiago: “Não tá precisando de gente?”. Januário: “Por que? O senhor sabe navegar?”. Santiago “Não mas tenho as costas fortes. Aguentam bastante peso.”

33 - Rio. Barco. Dia

Legenda. Primeiro dia de viagem

Barco navegando no meio do rio. No convés, o pastor comanda uma oração. Na cabine do piloto, ao lado do timoneiro, Douglas conversa pelo rádio com Renato. Tudo corre tudo bem, embora seja duro aguentar tanta rezação.

34 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Pelo rádio, Renato ri do comentário de Douglas e diz para o outro aguentar firme.

35 - Manaus. Cais dos Remédios. Dia

Santiago termina de carregar sacos com mercadorias para o barco de Januário. Os dois se olham. Januário tira um cachimbo de barro, coloca o fumo, começa a pitar e oferece um trago. Santiago dá uma baforada, aprecia, mas estranha o sabor e pergunta que mistura é aquela. Januário aprendeu a fazer com tabaco e outras ervas, segundo uma receita da sua avó. Ela era índia mesmo. Falava o português enrolado e tinha muitos hábitos diferentes. Mas o pai não gostava de falar da sua origem. Mesmo lá, no interior, era mal visto ser índio. Santiago dá outra baforada.

36 - Brasília. UNB. Noite. 1968. Flashback. Preto e Branco

Legenda indica

Estudantes entrando na sala do cineclube. Dentro da sala, Santiago, fumando, espera aflito do lado do projetor. Do lado de fora, Renato (igualmente cinco anos mais jovem) espera. Dora chega carregando as latas de



filme. Renato oferece ajuda, entram na sala e enquanto se dirigem para o projetor ele a convida para um debate no dia seguinte. Dora agradece, mas não vai dar. Chegam junto do projetor. Dora agradece a Renato e dá um tapa na mão de Santiago, derrubando o cigarro. Ela diz, com leve censura: “Quer botar fogo no filme?”. Os dois carregam o projetor, ignorando Renato que senta numa poltrona. As luzes se apagam, Santiago e Dora se beijam. Renato olha para os dois. Começa o filme é Jules e Jim Uma Mulher para Dois.

37 - Manaus. Casa de Dora e Renato. Noite

Dora, sozinha na sala assiste na TV a mesma cena de Jules e Jim. Se levanta e desliga a televisão. Está inquieta. Abre a janela, se debruça sobre o batente e olha a noite, pensativa.

38 - Rio. Barco. Noite

Céu profusamente estrelado. No convés do barco, Douglas observa o firmamento junto com João Arapau. Douglas mostra ao companheiro de viagem o Cruzeiro do Sul. Aprendeu localizar estrelas quando tirou seu brevê de piloto. João conta que antigamente os arapaus acreditavam que o mundo ia acabar quando céu desabasse sobre a Terra, mas agora ele sabe que é o contrário. Quando morrer irá para o céu. Para Douglas a história antiga dos arapaus é mais bonita. João pergunta: “Você não acredita em Deus, não é?”. E sem esperar a resposta prossegue: “Mas você é um homem bom. Vai terminar acreditando”.

39 - Manicorá. Taberna. Dia

Renato, já alcoolizado, insiste em continuar bebendo apesar da advertência de Miguel de que já tomou bastante. Como se contasse um segredo diz: “Miguel, ninguém gosta de índio nesta terra. Nem governo, nem presidente da Funai, nem pastor, ninguém!”. Miguel retruca: “Os sertanistas gostam”. Renato insiste: “Mas o que adianta? O pastor

está indo lá fazer merda com os wamoakrins e nós estamos aqui. Miguel pondera: “O Douglas está lá”. Renato ergue o copo de cachaça e ante o espanto dos poucos frequentadores da taberna, grita: “Um brinde para os índios do Brasil!”. Renato vira o copo e fala para Miguel: “Tá vendo? Ninguém brindou comigo”.

40 - Rio. Barco. Dia

Legenda. Segundo dia da expedição.

No convés da embarcação, Douglas, com um livro nas mãos, pergunta a João Arapau, por Pedro. Quer mostrar um livro com lendas dos povos indígenas para ele. João diz que ele ainda está dormindo. Douglas estranha a resposta, mas tem sua atenção atraída por aves no céu.

41 - Rio. Barco. Dia

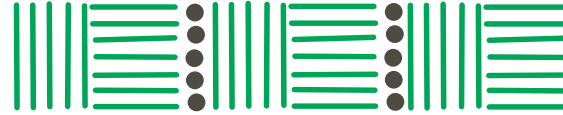
Na cabine do piloto, o Pastor pede ao timoneiro para ficar atento a qualquer sinal de presença indígena e se avistar algo o avise imediatamente. O pastor sai.

42 - Rio. Barco. Dia

Douglas caminha pelo passadiço e passa em frente à cabine dos arapaus. Resolve entrar e vê Pedro deitado na cama sendo cuidado por João. Pedro começa a tossir. Douglas coloca a mão na testa do indígena. Se descontrola. Sai correndo pelo passadiço até chegar na cabine do piloto. Entra e diz para o timoneiro: “Vamos voltar! Vamos voltar! Tem a gripe a bordo”. O timoneiro fica sem saber o que fazer. Douglas insiste: “Vira este timão. Tem gripe, não podemos encontrar os índios!”. O timoneiro começa a girar a roda. Na porta da cabine assoma o pastor Jonathan que friamente diz: “Mantenha o curso. Ninguém vai me tirar desta missão.”

FIM DO EPISÓDIO

A Nau dos Insensatos



01 - Mata. Dia

Akrimatã, com um cesto nas costas, preso por uma tira na cabeça caminha por uma trilha ao lado de Makotirene. Para ele, Akrimatã tem o dom, viu os espíritos antes da destruição da aldeia. Pode se tornar uma pajé. Akrimatã fica assustada. Makotirene diz para ela não ter medo. Akrimatã objeta: “Mas eu sou mulher”. Makotirene conta que é difícil ter uma mulher pajé, mas pode ter. Há muito tempo teve uma. Dela falava seu pai, era muito poderosa. E curiosamente as pajés mulher costumam aparecer nos momentos de crise. Ela fique tranquila. Makotirene vai conduzi-la pelo caminho.

02 - Créditos

03 - Rio. Barco. Dia

Na cabine do Piloto, Douglas berra que prosseguir é uma insanidade. Podem contaminar os wamoakrins e provocar uma devastação em massa. Jonathan tenta acalmá-lo: “Ele já está isolado e temos medicamentos a bordo”. Douglas, cada vez mais aflito, descarta esta garantia. Qualquer um pode estar com o vírus e passar a doença para os wamoakrins, povo semi-isolado, sem qualquer defesa. Douglas tenta acionar o rádio chamando a Funai. Dois participantes chegam à porta da cabine, atraídos pela confusão. O pastor dá ordens para retirarem Douglas dali. Eles agarram o sertanista, levado esperneando para o convés. Chegam outros integrantes. O Pastor ordena para eles manterem guarda. A partir de agora Douglas está proibido de se aproximar do rádio.

04 - Manaus. Em frente ao Teatro Amazonas. Dia

Santiago observa a arquitetura do Teatro. Olha desconfiado para um lado e para o outro. Na frente da escadaria acende um cigarro e espera. Dora chega e comenta rindo: “Não parou de fumar, né?”. Ele dá um sorriso. Saem caminhando. Dora abre a bolsa e passa um envelope. Diz: “Tem um pouco de dinheiro. Acho que ajuda”. Ele agradece e diz que já está trabalhando. Dora: “Posso perguntar o que trouxe você de volta a terra natal?”. Santiago responde amargurado: “A situação está difícil. Muitas prisões. Muitas mortes. Me mandaram dar um tempo. Vim para cá, é mais seguro. Rio e São Paulo viraram matadouros”. Dora: “Tá difícil até de respirar. Fiquei sabendo que também me vigiam. Por causa do cine-clube, imagina!”. Santiago: “Estão atrás de mim por mais coisas”. Dora: “Parei de ler jornais. Não aguentava mais saber da morte de amigos”. Dora pára e segura Santiago pelo braço: “Você vai continuar? Não é melhor sair do país?”. Santiago: “Não sei. Não me conformo com a ideia de deixar companheiros para trás”. Dora coloca as mãos no rosto de Santiago e o acaricia enternecida.

05 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Renato chamando o barco pelo rádio.

06 - Rio. Barco. Dia

Na cabine do piloto o pastor ouve o chamado insistente até resolver atender. Conversa com Renato com voz tranquilizadora, garantindo que tudo está bem. Renato pede para falar com Douglas, mas ouve, como



resposta, que ele está no banheiro. Jonathan garante dar o recado. Dá cambio final e desliga. Renato fica com uma pulga atrás da orelha.

07 - Rio. Barco. Dia

Douglas, no convés, tenta chamar à razão os outros integrantes da expedição. Afirma que é loucura prosseguir, mas suas palavras caem no vazio. Ninguém responde. Ele vai até a cabine do piloto, onde está o pastor ao lado do timoneiro. Douglas tenta entrar, mas é barrado. Grita que não podem impedir sua comunicação com a Funai mas não lhe dão ouvidos. Está desesperado, não somente pelos wamoakrins. Pedro está piorando e precisa de cuidados médicos urgentes. Não obtém resposta.

Então, saca seu revólver e ameaça: “Vou entrar nem que seja na bala.” Os guardadores da cabine se afastam. Ele entra e começa a chamar Renato pelo rádio. Estabelece contato. Renato atende, Douglas, na pressa de responder, se descuida. Aproveitando, um dos correligionários do pastor o acerta com uma paulada na cabeça. Em Manicorá, Renato fica chamando em vão. O pastor termina por atender. Renato insiste: quer falar com Douglas. O pastor diz com uma voz tranquilizadora que tudo está bem. Fala para Renato não se preocupar e desliga. Vira-se para os componentes da expedição e ordena: “A partir de agora navegaremos em silêncio de rádio”.

08 - Rio. Barco de Januário. Dia

A embarcação cheia de mercadorias corta o rio. Januário está no timão. Ao lado, Santiago pergunta sobre a capacidade e autonomia da embarcação. Januário responde que vai longe. Santiago pergunta, outra vez: “Chega até a fronteira com o Peru?”. Januário brinca: “Tendo gasolina ainda vai mais adiante”.

09 - Manicorá. Pista de pouso. Dia

O monomotor já está com a hélice girando. Renato sobe a bordo. O piloto o cumprimenta com a cabeça. O aparelho decola.

10 - Rio. Barco. Dia

No camarote, Douglas acorda no beliche inferior. Em cima Pedro Arapau geme. Douglas leva as mãos à cabeça com uma expressão de dor no rosto. Toma pé da situação. Ainda trôpego se levanta, mexe na maçaneta e verifica que está trancada. Esmurra a porta. É um representante do governo federal. Todos irão pagar pela agressão e sua prisão ilegal. Tudo inútil. Pedro acorda e reclama da barulheira. Douglas percebe que não adianta nada e para de bater.



11 - Vôo. Dia

O monomotor sobrevoa a imensidão da mata. Renato inquieto, vasculha com o olhar a floresta.

12 - Rio. Barco. Dia

No convés, o pastor puxa um hino cantado também por seus acompanhantes. Dentro do camarote, Pedro Arapau, deitado, acompanha os versos. Douglas se irrita com a cantilena e interpela Pedro: “Tem muito tempo que você acompanha o pastor?”. Pedro: “É minha primeira viagem levando a palavra do Senhor”. Douglas: “Na sua aldeia, vocês ainda cantam e dançam como antigamente?”. Pedro: “Não. Agora só fazemos louvores”. Douglas: “E porque vocês se converteram?”. Pedro: “O Deus do pastor provou ser mais forte”. Douglas: “Mas você não tem saudade de como era antigamente?”. Pedro: “Às vezes eu tenho. Mas eu luto contra a tentação”.



13 - Vôo. Dia

O avião sobrevoa um rio. O piloto avisa Renato que este é o Alaú. Renato pede para baixar de altitude. O avião segue até aparecer o barco. Renato pede ao piloto um rasante. Do convés o pastor vê o momomotor se aproximar. Ele acena. Renato de binóculo varre o convés. Pede ao piloto mais uma passagem.

O avião faz um novo rasante. O pastor continua a acenar. Renato murmura: “Não estou vendo o Douglas.” O avião ganha altitude e começa a voltar. Renato chama Miguel no rádio do Posto da Funai, pede para preparar a voadora. Douglas sumiu.

14 - Rio. Barco. Dia

O barco se aproxima de um remanso. Na margem se percebe o começo de uma trilha. No convés, João Arapau mostra o caminho para o pastor. E diz para atracarem ali. Certamente é uma pista dos wamoakrins. O barco encosta.

15 - Acampamento. Noite

As tendas estão armadas. Os homens jantam na frente das barracas.

16 - Barco. Noite

No camarote, Douglas está de pé, cuidando de Pedro Arapau, visivelmente pior. A porta se abre e revela João Arapau, trazendo dois pratos de comida e logo atrás um caboclo apontando o revólver. Douglas pega os pratos e diz para João: “Ele está piorando. Se não voltarmos agora não vai ficar vivo.” João ignora Douglas e com a mão mede a temperatura de Pedro. Douglas volta sua atenção para o caboclo. Pergunta se ele sabe as consequências dos seus atos. Está cometendo um crime e quando voltarem poderá ser preso. O caboclo não responde e mantém a arma apontada. Depois, ele e João se retiram trancando a porta.

17 - Acampamento. Noite

O pastor termina de jantar e anuncia que vai dormir. Entra na barraca. Está arrumando sua rede quando dá um espirro. Não dá importância e se deita.

18 - Rio. Lancha. Dia.

Uma possante lancha voadora cruza o rio. Renato pilota e Miguel vai ao seu lado. Os dois têm a expressão carregada de preocupação.

19 - Mata próxima ao Acampamento. Dia

Dois guerreiros wamoakrins, ocultos na vegetação, observam o vaivém de pessoas no acampamento.

21 - Nova Aldeia Wamoakrin. Noite

Maragó, Marawin, Makotirene e outros guerreiros de mais idade discutem sobre o que fazer em relação aos brancos, recém-chegados. Maragó defende um ataque. Ainda lembra o massacre na antiga aldeia. Makotirene pondera que os brancos não estão armados e parecem ser pacíficos. Um ataque poderia gerar uma resposta ainda mais terrível. Defende ir lá falar com eles. Os wamoakrins precisam saber o que eles querem.

21 - Acampamento. Dia

Uma comitiva wamoakrin com Maragó e Makotirene à frente de um grupo de guerreiros, se aproxima do acampamento, lançando longos assobios. A chegada agita a expedição. O Pastor, secundado por João Arapau se posiciona para receber os indígenas. Os expedicionários começam oferecer presentes aos jovens wamoakrins. O Pastor diz para Makotirene: “Vimos em paz, conhecer nossos parentes e fazer amizade”. João Arapau tenta traduzir. O pajé responde em wamoakrin: “Voces atacaram meu povo e mataram minha gente, mas não tenho ódio no meu coração. Vimos ouvir as palavras de



vocês”. Jonathan vai presentear o pajé com um facão. Estende os braços, e é acometido por uma crise de tosse. Horrorizado, Makotirene faz um gesto para os wamoakrins recuarem e diz: Morte! Morte!

22 - Rio. Lancha Voadora. Noite

Uma relâmpago corta o céu iluminando o rio e a floresta. Desaba uma chuva torrencial. O farol da voadora fende a escuridão. No barco, Miguel pilota quase às cegas. Renato vai ao seu lado, ansioso e preocupado.

23 - Manaus. Café. Noite

Dora e Santiago observam a chuva batendo no vidro do estabelecimento. Conversam sobre solidão. Ela pergunta se ele deixou alguém no Rio. Santiago responde: “O amor não é boa companhia quando se pode morrer no dia seguinte”. Faz-se um silêncio. Dora retoma: “Estamos ficando tristes”. Santiago pede a conta e diz: “Vamos logo ver o filme. O cinema cura todos os males”.

24 - Manaus. Sala de cinema. Noite

Dora e Santiago assistem ao filme. Santiago passa o braço sobre os ombros de Dora. Ela se aninha. Os dois se beijam.

25 - Rio. Lancha Voadora. Barco. Dia

Depois de uma curva do rio, Renato e Miguel avistam o barco da expedição encostado num barranco. A voadora vai se aproximando lentamente. Estranham não ver ninguém a bordo. Urubus sobrevoam o acampamento. Renato e Miguel ficam em estado de alerta. Encostam a voadora no barco e sobem à bordo. Começam a percorrer o passadiço. Ouvem batidas fortes no camarote. Renato abre a porta e se depara com Douglas.

No beliche, Pedro Arapau está com dificuldade de respirar. Douglas diz que foi feito prisioneiro. Renato inquire onde o resto da expedição está. Douglas não sabe. Os três sobem a trilha que conduz ao acampamento.

Junto da primeira barraca encontram o corpo de João Arapau varado por uma flecha. Prosseguem a inspeção e vão tropeçando em corpos flechados nas mais diferentes posições, demonstrando que foram mortos de surpresa. Encontram o corpo do Pastor, atravessado pela flecha no pescoço com a Bíblia caída no chão.

26 - Brasília. Gabinete do Ministro do Interior. Dia

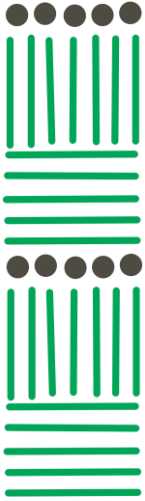
O Ministro irritado joga um jornal na mesa, cuja manchete é o massacre da expedição do Pastor Jonathan, com a foto dos helicópteros recolhendo os corpos. Pergunta irritado para Bentes: “Afim de contas para que serve a Funai?”. Cansou de tanta incompetência. Os wamoakrins são na verdade sabotadores e como tal serão tratados. Não vão esperar mais pela Funai. A partir de agora o Exército se encarregará da construção da estrada.

27 - Manicorá. Pista de pouso. Dia

Renato e Douglas embarcam Pedro Arapau numa avioneta para Manaus. O indígena segura a mão de Douglas num mudo agradecimento. Depois os dois sertanistas saem andando. Douglas comenta: “Foi o único que sobrou. O Deus do pastor deles não é assim tão forte”. Renato atalha: “Que Deus me perdoe, mas se ficassem vivos iam acabar contaminando os wamoakrins”. Douglas: “Será que eles sabiam?”. Renato: “Os wamoakrins enxergam longe”.

28 - Manicorá. Taberna. Dia

Renato e Douglas entram na taberna e do balcão pedem um café. Pelo alto falante, a voz estentórea de João Walter denuncia o bárbaro assassinato de um homem de Deus e de seus acompanhantes. Numa mesa, Geraldo bebe acompanhado de Candice. Ela pede licença e vai para junto de Douglas. Geraldo já meio embriagado se aproxima e diz para Candice: “Sabia que seu namoradinho gostava de atirar em índio?”.



Douglas enraivecido responde: “Seu filho da puta, eu nunca matei um índio”.

Geraldo continua a provocação: “É matar não posso dizer mas que gostava de dar uns tiros para o alto no meio da aldeia, ah isso gostava”. Douglas, já a ponto de perder as estribeiras: “Tu que é assassino de índios, seu merda!”. Geraldo tenta atacar Douglas, mas está embriagado e com os movimentos lentos.

Douglas se esquiva e acerta um murro no rosto de Geraldo que desaba. Renato, achando graça diz para Douglas: “Agora, vamos terminar o serviço”

29 - Manicorá. Frente ao Estúdio da rádio. Dia

Renato, Douglas e Candice atravessam a rua e chegam em frente à casa com a placa Rádio Manicorá. Douglas diz para Renato que nunca matou um índio na sua vida e tem um profundo arrependimento por tudo que fez. Renato: “Essa é uma dívida que você vai pagar a vida inteira. Agora, vou te ajudar a saldar uma prestação”. Se volta para Candice e diz: “É melhor você esperar aqui um pouquinho”.

30 - Manicorá. Estúdio da rádio. Dia

João Walter se encarniçando no seu ataque verbal diante do microfone. A porta é aberta com estradalhaço. Renato entra e agarra o radialista pelo colarinho e pergunta: “Quem é que está te pagando, filho da puta? Quem é?”. Antes que João Walter responda desfere um soco que o joga longe. Renato pega o microfone e diz: “Povo de Manicorá, estamos encerrando nossa transmissão. Viva os Índios do Brasil!”. Passa o microfone para seu companheiro. Douglas brada: “Viva o Brasil de todos os índios!”.

30A - Insert- Manicorá. Em frente à Rádio. Dia

Candice ouve as vozes de Renato e Douglas pelo alto-falante e abre um sorriso

30B - Manicorá. Estúdio da rádio. Dia

Douglas ergue o rádio com as mãos e o joga no chão, espatifando o aparelho.

31 - Manaus. Bairro das Palafitas. Casa de Santiago. Dia

Dentro de casa, sentado na rede, Santiago está limpando o revólver. Batem na porta. Ele enfia a arma no cós da parte detrás da calça e pergunta quem é? Seu Januário entra, brincando: “Tá assustado seu moço?”. Santiago disfarça. Januário, com um sorriso maroto, avisa que daqui a três dias vai levar o barco até Tabatinga. De lá para a fronteira com o Peru é um pulo. Se preferir a Colômbia também fica perto.

32 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Dia

Renato chega na sua residência. Entra em casa e percebe que Dora não está. Se joga numa poltrona e fica olhando para o teto.

33 - Manaus. Rua. Dia

Dora e Santiago se encontram. Passeiam pelo Mercado Central e o centro histórico da cidade. Andam de mãos dadas e trocam olhares amorosos. Brincam pela rua como dois adolescentes. Santiago tenta roubar um beijo, ela nega e diz sorrindo: “Aqui não pode.”

34 - Manaus. Quarto de Motel. Dia

Dora deitada na cama, com o corpo coberto por um lençol. Santiago sentado na beira do leito. Dora diz: “Tem ausências que não se consegue preencher”. Santiago concorda: “São os afetos que fazem a gente seguir adiante. Eu vou ter sempre saudade de você”. Dora: “Tá se despedindo?” Santiago: “Sempre”.



35 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Noite

Dora chega em casa e encontra Renato. Ele pergunta por Iracema: “Pensei que você tinha ido buscar”. Dora: “Ela vai dormir com uma amiga. Fui passear um pouco. Descansar a cabeça”. Ele pergunta: “Não tava com saúde?”. Dora: “Não sabia que você vinha hoje”. Ela dá um beijinho, Ele a puxa e a beija com vigor. Depois que se separam, Dora comenta: “Fiquei sabendo, foi barra pesada, não é?”. Renato: “Todos mortos. Só escaparam Douglas e um arapau”. Dora: “E agora, como vai ficar, você vai voltar para lá?”. Renato: “Não sei o que eles vão decidir. O problema continua igual. Os wamoakrin na mata e a porra desta estrada ameaçando”. Dora: “Ameaçando e nos separando”.

36 - Manaus. Faculdade. Sala de Professores. Dia

Lúcia conversa com Dora que existe a possibilidade concreta de uma bolsa de estudo na França. O perfil de Dora é exatamente o que buscam. Pergunta se ela quer se inscrever. Chega uma funcionária trazendo um envelope enviado por André, de Paris. Dora abre. É um jornal francês com uma grande reportagem com as fotos do massacre da Aldeia Wamoakrin. Ela folheia as páginas e mostra para Lúcia com satisfação. Depois de ver, Lúcia dá os parabéns para Dora e insiste: “Posso te inscrever?”. Dora pensa um instante e diz sim.

37 - Manaus. Escritório da Funai. Dia

Macedo apresenta o jornal francês para Renato. Está muito magoado. Para ele o sertanista traiu a sua confiança. Renato se aborrece: “E por causa da tua confiança, eu tinha que ficar calado diante desta barbaridade? Há limite para tudo, Macedo!”. A resposta vem rápida: “E você ultrapassou todos. De Brasília, chegou a tua demissão. Dessa vez eu não pude fazer nada, quase fui

demitido também”. Renato: “Enfia a Funai no cu, Macedo. Eu fico com a minha dignidade”. Vira as costas e sai.

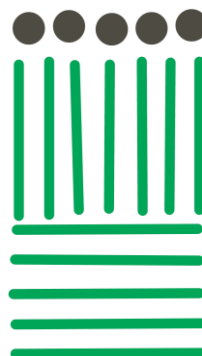
38 - Manaus. Bairro das Palafitas. Rua. Dia

Santiago sai da baixada das palafitas e ganha o asfalto. Vai até uma parada de ônibus. Na banca de revistas, ao lado, vê num jornal exposto a foto de Maria e mais outros dois rapazes acompanhados da manchete: TERRORISTAS MORTOS NO RIO. E mais abaixo outra manchete: TERROR ESTÀ CHEGANDO AO FIM, ANUNCIA O GOVERNO.

39 – Manaus. Rua. Dia

Santiago e Dora caminham. Santiago diz: “A guerra acabou. Nós perdemos”. Dora pergunta: “Vai partir?”. Santiago faz que sim com a cabeça. Dora, se entristece: “Assim, sem mais nem menos? Não vai me dar uma lembrança. Um retrato?”. Santiago sorri: “Retrato não pode. É perigoso para você, mas pensando bem”, ele se afasta um pouco, faz uma pose e diz “pronto, me fotografa. Com a memória”. Dora entra na brincadeira, simula que está com uma câmera nas mãos e dá um click. Santiago vê uma veraneio preta subindo na calçada por detrás de Dora e começa a correr. A caminhonete freia bruscamente e abrem-se as portas despejando homens armados. Santiago corre, os homens atiram sem atingi-lo. Dora é feita prisioneira. Metem um saco preto na sua cabeça.

FIM DO EPISÓDIO





Temporada 01 | Episódio **06** | ARGUMENTO DESENVOLVIDO

Antes da Tempestade

01 - Mata. Dia

Akrimatã está sentada num poço raso do rio com água pela cintura. Ao seu lado, em pé, Makotirene canta uma música ritmada pelo maracá. Akrimatã tenta repetir a música. Makotirene canta cada vez mais alto. Akrimatã deixa pender a cabeça. Parece que entrou em transe.

02 - Créditos de Abertura

03 - Manaus. Porta de Escola. Dia

Hora da saída. Os pais passam para pegar seus filhos. Iracema conversa com duas colegas. Primeiro uma depois a outra são chamadas para irem embora. Outros meninos e meninas se vão. Iracema fica sozinha no pátio vazio

04 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Dia

Renato entra em casa, carregando um saco de compras. O telefone começa a tocar. Desajeitado, Renato deixa entornar algumas mercadorias enquanto tenta atabalhoado pegar o aparelho. Consegue atender. Do outro lado da linha a diretora da escola informa que Dora não apareceu para buscar Iracema. O colégio já está para fechar.

05 - Prisão. Sala de Interrogatório. Dia

Balde de água é jogado em cima de Dora. Ela acorda amarrada numa cadeira. Está com marcas pelo corpo e rosto, sinais de que foi muita machucada. Um dos interrogadores quer que ela revele aonde Santiago se esconde ou quando terá o próximo encontro

com ele. Ela repete que não sabe. O torturador insiste:

“Sabe onde você está? Aqui é a Polícia Federal, o tratamento ainda é distinto. É melhor você dizer o que sabe aqui. No Exército, em Brasília, você vai falar o que sabe e o que não sabe”.

06 - Manaus. Porta de Escola. Dia

Renato apanha Iracema na escola. A menina se surpreende com a vinda do pai. Ele pergunta se ela gostou da novidade. Iracema se agarra a Renato. Quer saber se ele, agora, vai permanecer junto dela. Renato responde: “Todo tempo dom undo”. Iracema se alegra.

07 - Rio. Barco de Januário. Dia

Barco no meio do rio. Santiago pergunta para Januário se é complicado para atravessar a fronteira. O caboclo responde: “É só atravessar a rua. Você só fica sabendo que tá na Colômbia porque os letreiros das lojas passam a ser em espanhol”.

08 - Manaus. Casa de Lúcia. Noite

Lúcia atende um telefonema de Renato. Não sabe de Dora. Estiveram juntas na Universidade, mas depois Dora saiu e não disse nada. Pensou que ela tivesse ido para casa. Iracema perturba o pai. Quer brincar com ele. Renato, todo nervoso, acaba sendo estúpido com a criança.



09 - Prisão. Cela. Dia

Dora, muito machucada é cuidada com afeto, quase maternal, por Rai, uma cabocla de uns quarenta anos. Ela pergunta por que Dora está presa. Dora não sabe. Rai prossegue: “É ninguém sabe. Aqui todo mundo é inocente. Eu não tenho vergonha de dizer. Tô presa por causa de droga. Me pegaram na fronteira”. Dora: “Eu juro que não sei. Sou professora. Minha filha ficou me esperando na escola. Preciso avisar que estou aqui. Rai diz em voz baixa: “Depois que tá aqui dentro o mundo lá fora desaparece”.

10 - Rio. Barco de Januário. Noite

A embarcação se aproxima de uma cidadezinha com suas luzes. Na proa, Santiago nota que no pier estão vários soldados do Exército se movimentando. Vai até a cabine, onde Januário está pilotando e pergunta se é mesmo necessário pararem naquela localidade. Januário responde que não tem outro jeito. Precisam de combustível. Santiago ajeita o revólver na parte detrás da calça

11 - Prisão. Cela. Noite

Dora em desespero bate na grade chamando o carcereiro. Ele vem de mau humor, repreendendo em voz alta. Ela grita também: quer dar um telefonema, saber da sua filha, avisar que está presa, pedir um advogado. Ela vai atropelando os pedidos, o carcereiro diz: “Amanhã”. Rai intervém: “Ela é mãe, o que custa atender? Impassível, o carcereiro diz: “Já disse. De noite é impossível. Amanhã, você pede”. E se afasta pelo corredor.

12 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Noite

Iracema dorme na sala. Renato vê o relógio. Meia-Noite. Nervoso, pega o Catálogo, liga para o Pronto-Socorro. Não, ela não deu entrada. Tenso, procura no catálogo e acha o telefone do Instituto Médico Legal. Disca o número, ela também não está lá. Ele suspira aliviado.

13 - Barco de Januário. Noite

Soldados do Exército saem do porão da embarcação que já está atracada. Vieram fiscalizar se o barco levava carga ilícita, não estão interessados nas pessoas. Santiago sorri aliviado.

14 - Prisão. Cela. Noite

Carcereiro se aproxima da cela de Dora. Ela pergunta se vai poder telefonar. O agente diz que não. Ela vai dar um passeio. Abre a grade e diz: “Queira me acompanhar”. Dora e Rai trocam um olhar preocupado. Ela hesita. O carcereiro fala grosso: “Vamos minha filha. Eu não tenho a noite toda, não”. Dora dá um abraço em Rai e é levada pelo carcereiro.

15 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Dia

Renato acorda na sala. Iracema, ainda uniformizada, dorme no sofá. Renato levanta, vai para o quarto. Começa a remexer nas coisas de Dora, remexe, sacode, acaba encontrando o jornal francês. Revê as fotos, lê um pouco e tem um estalo.



16 - Manaus. Casa de Macedo. Dia

Ainda de pijama, Macedo abre a porta de casa e tem um susto quando vê Renato e Iracema. O sertanista pede para entrar. Macedo, mesmo de cara amarrada, sente a urgência e convida. Na sala, Renato comunica o desaparecimento de Dora. Sim, já telefonou para hospital, para polícia, para o necrotério. Puxa o jornal francês e pergunta: “Será que foi por causa disto daqui?”. Depois, sem esperar resposta começa a pedir desculpas a Macedo pelo ocorrido na Funai mas é interrompido pelo seu antigo superior. “ Depois você se desculpa. Vamos ver este negócio aqui primeiro”.



17 - Brasília. Base Aérea. Dia

Dora desce as escadas do avião, algemada, no meio de agentes armados. É colocada dentro de uma caminhonete Veraneio que parte pela pista.

18 - Manicorá. Rua. Taberna. Dia

Douglas e Miguel assistem a chegada dos primeiros caminhões do Exército. Eles já sabem que a Funai está fora da questão dos wamoakrins e temem a chegada de tropas para construir a estrada. Vão para a taberna. Douglas pede uma cerveja. Vai servir o copo de Miguel mas este recusa. “Você sabe que não faz bem para nós”. Douglas questiona: “Mas você já está entre os brancos há tanto tempo”. Miguel responde: “Mas esse costume não peguei”.

Miguel volta a falar dos wamoakrins. Acaba revelando sua quedinha por Akrimatã. Douglas elogia a beleza das wamoakrins. Miguel pergunta se ele se interessou por alguma. O sertanista responde: “Você é indígena, eu sou branco e da Funai, agora sou eu quem não pode”. Dois soldados que estavam na mesa próxima, se apresentam. Escutaram a conversa, se não se incomodassem queriam saber mais sobre os índios. Ouviram dizer que eles são terroristas.

19 - Sala de Tortura. Dia

Dora, nua, com um capuz negro sobre a cabeça é torturada com choques elétricos

20 - Manicorá. Taberna. Dia

Douglas e Miguel tentam desconstruir a imagem que os soldados têm dos índios, mas ficam preocupados. Os soldados se vão. Miguel diz: “Eles estão se preparando para uma guerra”.

21 - Manaus. Casa de Macedo. Dia

Macedo informa Renato que Dora foi presa pela Polícia Federal, mas não se encontra mais lá. O Exército levou. Para onde ainda não sabe, mas espera descobrir amanhã. Vai encontrar com um amigo que pode esclarecer. Mas o seu amigo acha difícil que seja apenas por causa do jornal. Macedo pergunta para Renato se Dora tem outro envolvimento. Lembra que para médicos e advogados não se deve mentir. Renato nega. Tem certeza que não. Aproveita para agradecer o esforço de Macedo. Renato e Macedo, bastante emocionados, fazem as pazes.

22 - Barco de Januário. Dia

A embarcação aportada em Tabatinga. Mercadorias sendo descarregadas. Santiago se despede do amigo. Januário, sempre maroto, assinala: “Tá vendo aquele poste? Depois dele já é Colômbia”. Um aperto de mãos e Santiago vai.

23 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Dia

Macedo passa na casa de Renato. Descobriu. Dora está presa no Exército em Brasília. Já encomendou as passagens. Só tem vôo amanhã. Macedo também irá. Renato não tem como agradecer a solidariedade do amigo.

24 – Mata. Dia

Akrimatã sai de dentro da água ajudada por Makotirene. O pajé pergunta se ela visitou o mundo do fundo do rio. Ela sorri embevecida.

25 - Manicorá. Quarto de Miguel na Hospedaria. Dia

Imagem de Akrimatã numa foto. Miguel olha para a fotografia, tirada por Douglas na aldeia wamoakrin. Ele e Akrimatã juntos. Está cheio de saudades.



26 - Brasília. Aeroporto. Pista de Pouso. Dia

Avião pousa no solo. Renato e Macedo saem do aeroporto e entram num taxi.

27 - Brasília. Interior do Taxi. Dia

No banco de trás, Macedo olha pela janela, enquanto Renato mira uma fotografia de Dora. Ele cutuca Macedo e passa a foto. É a fotografia que Macedo pediu.

28 - Brasília. Sala do Pelotão de Investigações Criminais. Dia

A foto de Dora sobre a mesa. Um tenente pega e examina a fotografia e diz para Renato e Macedo que esta pessoa não se encontra detida lá. Macedo pergunta se ele dá sua palavra de oficial. O tenente confirma.

29 - Manicorá. Tenda de Campanha. Dia

Projeção de filmete de propaganda da estrada. Termina a projeção. Exposição de Rabelo para seus oficiais. A importância da estrada. O atraso na construção e o problema com os wamoakrins. Um oficial pergunta se eles são a mesma tribo que massacrou a expedição do pastor Jonathan. Rabelo responde: “Há suspeitas bem fundadas que esta tribo esteja sendo orientada por assessores cubanos. É bem possível que seja a ponta de lança de uma infiltração vermelha de nosso território. Porém desta vez terão pela frente o Exército Brasileiro”.

30 - Brasília. Escritório de Advocacia. Dia

O advogado está recebendo Macedo e Renato. Ele diz que é o caso de uma prisão não formalizada. Renato atalha: “Mas o oficial deu sua palavra que ela não se encontra lá”. O advogado não se abala: “Se eu fosse o senhor não daria crédito a palavra de um torturador”. Segue a sua explanação: Existem três possibilidades: a primeira, que a prisão seja formalizada nos próximos dias, seguida de abertura de inquérito. A segunda,

é que acabe sendo libertada, se eles se convencerem de que ela não está envolvida em nada. A terceira... O advogado silencia por um instante e retoma: “Mas não vamos pensar nisso”.

Ele conhece um juiz, um pouco mais liberal, do Superior Tribunal Militar, vai pedir que ele interceda, pelo menos para garantir sua vida. Renato pergunta se ela será maltratada. O advogado responde que quanto isto não há muito que se possa fazer. Depois pergunta se eles pensam em ficar muito tempo em Brasília. Renato diz que só trouxe uma muda de roupa. Macedo pergunta se tem mais alguma coisa que possam fazer. O advogado aconselha eles voltarem a Manaus. Fizeram o que tinha que ser feito. Ele dará notícias.

31 - Manicorá. Rua. Dia

Rua com dois caminhões do Exército estacionados. Douglas e Miguel assistem soldados de camiseta e calção fazendo cooper, repetindo palavras de ordem. Os dois soldados, com quem conversaram na taberna, passam e acenam. Douglas e Miguel correspondem ao aceno. Miguel comenta que Manicorá virou um quartel. Douglas: “Tudo isso para tirar os wamoakrins do caminho? Dá até medo”.

32 - Manaus. Funai. Dia

Final de Expediente. Renato desabafa com Macedo. Já tem uma semana que Dora está sumida. Está desesperado, teme pelo pior. Tem vontade de voltar a Brasília e invadir o quartel. Macedo pede calma. Acabou de ligar para o advogado que prometeu notícias até amanhã. Renato: “É só isso? Esperar, esperar...”. Macedo responde: “Pelo menos, até amanhã.”

33 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Noite

Renato chegando em casa. Abre a porta e entra na sala vazia. Joga a mochila no sofá e ouve o barulho de algo caindo no chão. Pega a borduna que estava pendurada na parede e



vai caminhando pé ante pé. Percebe a porta do banheiro entreaberta e com a luz acesa. Abre de sopetão. Dora está olhando fixamente o espelho. Ela se volta e mira Renato com um olhar inexpressivo.

Tenta abrir um sorriso. Ele larga a borduna, corre para ela e se abraçam. Ele apalpa seu corpo. Ela sente dor. Renato quer saber o quanto a maltrataram.

Dora prefere não falar, agora. Pergunta por Iracema. Renato diz que ela já vai chegar e tenta abafar Dora com seus carinhos.

34 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Dia.

Dora acorda e vê que está sozinha, Renato entra trazendo o café da manhã. Dora pergunta em que dia estão e se surpreende porque o marido não foi trabalhar. Renato relata sua demissão. Sua vida agora está à deriva, Sertanista é a única profissão que ele tem.

35 - Imagens em caleidoscópio

Dora sendo torturada. Dora passeando e transando com Santiago. *Off* de Dora: “Me bateram muito. Faziam muitas perguntas sobre coisas que não sei..”.

36 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Dia

Na sala, Dora está conversando com Renato. Dora: “No final, viram que eu não tinha nada a ver com ele. Covardes. Ainda me falaram para eu esquecer o que passei. Um filha da puta me disse: se você se lembrar da gente nós não vamos esquecer de você”. Renato: “Por que te prenderam? Não faz sentido...”. Dora: “Eu estava com o Santiago, ele escapou. Renato: “O Santiago? Da universidade? “. Dora: “Ele apareceu por aqui”. Renato: “O que ele queria ? “ Ela responde: “Vai me interrogar, agora?”



37 - Manicorá. Tenda de Campanha do Comando. Dia

Rabelo se reencontra com o coronel Macedo. Ambos foram colegas na Academia Militar e estão surpresos de se reencontrarem neste fim de mundo. Rememoram o tempo de cadetes. Macedo se diz impressionado com a estrutura bélica que está sendo armada. Rabelo retruca que agora é para valer. Ou vai ou racha. Macedo põe à disposição os sertanistas da Funai, afinal de contas a possibilidade deles encontrarem indígenas no caminho é grande.

Rabelo fala: “Macedo, estes índios estão dando trabalho demais. Massacraram uma expedição desarmada. Eles estão contra e provavelmente sua recusa da estrada esconde outros interesses. Não quero gente para defender índios metidos a guerrilheiros, quero gente que colabore com a construção da rodovia. Se o seu pessoal for assim, muito que bem, se não for, eu agradeço e dispenso”. Macedo retruca: “Eu conheço a região. Aqui não tem guerrilheiro. Tem é índio que naturalmente quer proteger seu território”. Rabelo começa a se exaltar: “O território não é deles. É do Brasil. E defender o Brasil é a missão do Exército”. Macedo olha seriamente e diz: “Eu sou do Exército de Rondon que dizia “morrer se for preciso mas matar índios nunca”. A resposta de Rabelo é mortífera: “Isso foi há muito tempo atrás”.

38 - Manaus. Faculdade. Dia

Dora está de volta às aulas. É recebida com abraços por vários professores. Lúcia fala que a bolsa de estudo em Paris foi aprovada. Ela também está indo para a capital francesa. Podem ir juntas. Paris, é uma oportunidade para a amiga esquecer o que passou e ficar em segurança com sua filha.

39 - Manicorá. Posto da Funai. Dia

Macedo diz para Douglas que ele será encaixado como representante da Funai na frente de trabalho do Batalhão de Engenharia e Construção. Aproveita e mostra



para o sertanista um panfleto a ser lançado pelo Exército sobre as aldeias. Douglas lê em voz baixa. É um texto belicoso, conclamando os wamoakrins a cessarem toda resistência, entregarem suas armas e se renderem. Douglas fica alarmado.

40 - Manaus. Balneário. Dia

A cabeça de Dora emerge da água da piscina natural. Ela se aproxima de Renato que está numa espreguiçadeira. Aponta para Iracema, a alguns metros, brincando na água. Fala do seu amor por ela: “Quando me deixavam sozinha era nela em que pensava. Não tinha medo de morrer. Tinha medo de não poder mais vê-la. Nunca mais”. Renato: “Ela parece uma índia. Ia gostar de passar uns dias com os wamoakrins”. Dora está pensando deles saírem do país. Tem a oportunidade de uma bolsa. Renato se irrita: “E eu vou ser sertanista, em Paris?”. Dora: “Aqui você já não é. Para a Iracema até seria bom. Ia aprender falar francês”. Renato: “Não tem como. Eu não tenho que fazer na França e não me vejo morando fora do Brasil”. Dora: “Você poderia estudar lá. Acabar sua faculdade. Os franceses são muito interessados na questão indígena”. Renato graça: “De lá, de longe”. Dora, incisiva: “O que aconteceu comigo foi duro demais. Eu não quero mais esse país. Nem para mim nem para minha filha. “

41 - Manicorá. Posto Telefônico. Manaus. Casa de Renato e Dora. Noite

Obs. As locações se alternam durante o diálogo.

Douglas chega ao Posto Telefônico. A atendente aponta a cabine. É Renato quem está chamando. Ele não consegue tirar os wamoakrins da cabeça. Quer saber como está a situação. Douglas relata que o Batalhão de Construção parece estar indo para uma guerra, cita o panfleto com as ameaças que Macedo lhe mostrou. Ele parte amanhã junto com os soldados, mas acha que não vai poder fazer nada. Renato diz: “Para você está difícil mas eu posso tentar

alguma coisa”. Desliga o telefone visivelmente preocupado.

Dora pergunta se é alguma coisa grave. Renato responde: “Vou ter que voltar”. Dora: “Da última vez que você foi me levaram. Eu não quero ficar sozinha”. Renato se aproxima, procura ser gentil: “Tenho que ir. Não vou suportar outro massacre na minha vida”. Dora rebate: “Mas quando você voltar posso não estar mais aqui”. Renato estranha a frase. Dora acaba contando o seu affair com Santiago. Está se sentindo frágil e sozinha. Quer dar uma sacudida na sua vida. Renato tem uma explosão. Sente-se traído. Tem frases cruéis: enquanto está na mata, em missão, sua mulher mata a saudade de antigos companheiros. Se revolta, não ouve os argumentos de Dora e a cena termina em rompimento entre os dois.

42 - Manicorá. Rua. Dia

O Batalhão de Construção se preparando para sair. Um sargento vai caminhando com Douglas em meio a azáfama. Chama Geraldo e os apresenta: Douglas, representante da Funai e Geraldo, mateiro da expedição. Eles vão trabalhar juntos. Geraldo e Douglas se entredevoram com os olhos.

43 - Nova Aldeia Wamoakrin. Roça. Dia

Mulheres wamoakrin cuidam dos pés de milho, enquanto outras enchem os cestos de frutos. Akrimatã junto com Apeterewa examina as espigas em floração. A velha wamoakrin está contente. A colheita vai ser muito boa este ano. No alto do céu, um monomotor cruza o firmamento. As mulheres se alarmam e ficam apontando para cima.

44 - Manicorá. Rua. Posto da Funai. Dia

Renato caminha na rua principal. Tudo vazio. Nenhum soldado e poucos transeuntes. Entra no Posto da Funai e encontra Macedo, arrumando gavetas. Ele informa que está voltando para Manaus. O Batalhão de



Engenharia já partiu. Ele não tem mais o que fazer por lá. Vai mostrar para Renato uma coisa. Da gaveta da mesa, Macedo tira um documento e mostra para Renato. É uma circular do comando do Batalhão, autorizando demonstrações militares com fogo de metralhadoras e peças de artilharia, como forma de dissuadir os wamoakrins na sua resistência contra a estrada.

Macedo está muito preocupado. Conseguiu encaixar Douglas na expedição. Foi o máximo que conseguiu fazer. Renato atalha. “Isto não vai resolver nada”. Macedo, de repente se toca e pergunta o que Renato está fazendo ali. Renato: “Não sou mais da Funai. Sou um livre atirador. Vou tirar o Maragó e sua gente da frente destes fuzis”. Macedo diz: “o tempo é muito curto”. Renato finaliza: “por isto a pressa”. Macedo reflete que o risco pessoal de Renato também é grande. E pergunta se Dora tá sabendo.

Alaú”. O garoto retruca: “Os soldados foram para lá também. O senhor vai se juntar com eles?”. Renato diz: “Não, vou me juntar com os índios”. O garoto replica: “Não tem medo?”. Renato encerra a conversa: “Tenho sim. Mas dos soldados”. O garoto fica intrigado. Renato liga o motor. Miguel chega com uma mochila. Ele vai junto. Renato pergunta: “Não vai dar merda pra você que é da Funai?” Miguel dá de ombros e entra no barco. A rabeta parte sob o olhar do menino.

47 - Mata. Dia

Máquinas derrubando árvores na floresta. Engenheiros e Topógrafos se movimentando. Soldados abrindo picadas.

48 - Rio. Rabeta. Dia

Renato, pilotando a rabeta, acompanhado de Miguel. Vê um avião monomotor sobrevoar o barco e desaparecer nas nuvens.



45 - Manaus.Casa de Renato e Dora. Manicorá. Posto Telefônico. Dia

Obs. As locações se alternam durante o diálogo.

Dora atende o telefone. É Renato, mas ele fica em silêncio. Dora pergunta se ele quer dizer alguma coisa. Renato se emociona: está com medo dela ir embora. Com dificuldades pede desculpas, mas Dora tem que entender ele não pode deixar de ir. Dora retruca: “nunca pedi para você largar seu trabalho”. Renato: “Eu sei, apenas estou pedindo para você me esperar”. Dora: “Tenho a sensação que já te esperei demais”.

46 - Manicorá. Beira-rio. Dia

Renato preparando uma rabeta (canoa comprida com motor de popa) para viajar. Um garoto observa atentamente e de repente pergunta: “O senhor vai para onde?”. Renato responde: “Vou subir o

49 - Nova Aldeia Wamoakrin. Dia

Monomotor sobrevoando em rasante a aldeia wamoakrim. A passagem do avião causa grande alvoroço. Maragó aparece na entrada de sua oca. O avião manobra e se prepara para sobrevoar a aldeia outra vez. Guerreiros aprontam seus arcos. O avião passa. Flechas são disparadas. Do aparelho cai uma chuva de panfletos, O monomotor some no horizonte.

Crianças wamoakrins pegam os pedaços de papel fazendo uma farra. Makotirene pega um dos panfletos e leva até Maragó. No panfleto, escrito em português, os wamoakrins são conclamados a entregarem suas armas e se renderem. Os dois olham intrigados o pedaço de papel.

FIM DO EPISÓDIO



Temporada 01 | Episódio **07** | ARGUMENTO DESENVOLVIDO

A Guerra



01 - Manaus. Casa de Renato e Dora. Noite

Dora conta para Iracema que vai para Paris e pergunta se a menina quer ir junto. Iracema fica feliz. Pergunta se na França tem neve, se tem índio e muitas outras coisas mais. Dora se diverte com a curiosidade da filha. De repente Iracema pergunta se o pai irá junto. Dora responde que ele irá depois.

02 - Créditos de Abertura

3 - Nova Aldeia Wamoakrin. Dia

Os wamoakrins tentam decifrar o que significam os panfletos. Mesmo Maruwin, o mais antigo dentre eles, não sabe como interpretar. Maragó arrisca: se eles são inimigos, boa coisa não deve ser.

04 - Rio. Rabeta. Dia

Renato e Miguel viajando pela imensidão do rio. Rosto tenso e olhar atento para a margem mais próxima.

05 - Acampamento da Estrada. Noite

Douglas e Geraldo estão numa roda com soldados e trabalhadores. O soldado Carlos faz uma gozação com o soldado Bira, que tem feições indígenas. Bira diz que Carlos também é. Só que sua família saiu a mais tempo da aldeia. Os soldados riem como se tivessem ouvido uma piada. O soldado Carlos se encrespa. Geraldo diz: "Tudo bem. Todo mundo é índio. Só que nós evoluímos". O soldado Moura entra na história e pergunta se eles vão encontrar índios no caminho. Douglas responde afirmativamente. O soldado Carlos diz que teme uma emboscada: os índios são traiçoeiros.

Douglas: "Será?". Eu não sei se os traiçoeiros são eles ou somos nós."

06 - Mata. Dia

Douglas e Geraldo explorando o terreno descobrem flechas fincadas numa árvore. Geraldo Diz: "Teus amigos estão por perto".

07 - Acampamento da Estrada.

Douglas expõe a situação para Rabelo: Detectaram a presença de indígenas nas imediações. É preciso interromper os trabalhos de construção da estrada até ele fazer o contato. Rabelo reage de forma ríspida: "Manda eles darem o fora. Você está aqui para quê? Passear na floresta?". Douglas alerta para o risco que os trabalhadores estão correndo, Rabelo responde: "Aqui é o Exército Brasileiro. Quem está de arco e flecha é que corre risco".

08 - Manaus. Casa da Lúcia. Dia

Tomando chá, Lúcia e Dora conversam sobre a viagem. Num determinado momento Lúcia percebe que a amiga está meio aérea. Pergunta o que está acontecendo. Dora revela: as coisas não estão bem entre ela e Renato. Com a viagem teme estar precipitando uma decisão. Lúcia tenta amenizar. É uma grande oportunidade para a vida acadêmica de Dora. Renato pode ir depois. E também é bom se afastar de Manaus, se distanciar do conflito e assim pensar melhor. Dora acaba concordando e Lúcia pergunta: Segura?. Dora assente com a cabeça. Lúcia pega um guia de Paris e começa mostrar a cidade para amiga.



09 - Rio. Rabeta. Dia

Renato e Miguel escutam o barulho de rajadas de tiros. Se preocupam. Renato fica em pé, como se assim a rabeta ficasse mais rápida.

10 - Acampamento da Estrada. Dia

Grupo de soldados na borda da selva dispara para o alto. Ao lado de Rabelo, um capitão ordena o cessar-fogo. Rabelo caminha em direção a Douglas. É uma demonstração de força para dissuadir os wamoakrins de qualquer ataque. Quer ver agora se eles se metem a besta. Parabeniza o capitão pela boa demonstração. “Se tinha índio aí, não tem mais”. Se vira para um Douglas petrificado e pergunta: “Ainda está com medo de arco e flecha?”

11- Mata. Dia

Máquinas derrubam árvores. Soldados caminham protegendo as motoniveladoras. Os soldados Carlos e Moura, acompanhados de outros, avançam pela floresta de fuzis empunhados como se participassem de uma operação de guerra. Numa pequena clareira fazem alto. O sargento espalha vigias. O soldado Carlos nota um farfalhar na vegetação. Ele faz um sinal de alerta para os demais. Todos se escondem e apontam os fuzis na direção do barulho. É Douglas quem chega. Passado o susto, Carlos comenta, de brincadeira, que se fosse o Bira, com esta cara de índio, ele teria disparado. Douglas, incrédulo pergunta: “Se fosse um índio você teria atirado?”. O sargento se antecipa na resposta: “Não viemos aqui para sofrer baixas”.

12 - Manaus. Zona Franca. Loja. Dia

Dora e Iracema percorrem as lojas de importados, buscando luvas e outros equipamentos para o frio. Iracema experimenta um gorro, um casaco. Está excitada e divertida, brincando o tempo todo com a mãe.

13 - Nova Aldeia Wamoakrin. Dia

Renato e Miguel chegam à aldeia. São recebidos por Akrimatã. Os wamoakrin vão fazendo uma roda. Renato pergunta por Maragó. Enquanto esperam, Miguel mostra para Akrimatã a foto dos dois juntos. Akrimatã ri, mostra para amiga ao lado e lança um olhar para Miguel. Makotirene chega com o panfleto. Diz que jogaram do céu. Quer saber o que significa. Renato lê rapidamente em voz baixa o texto bélico, vazado em termos de guerra, incitando os wamoakrin a se renderem ou sucumbirem. Diz que por isso veio. O papel significa uma grande ameaça. Os wamoakrin precisam se retirar imediatamente. Onde está Maragó? O cacique saiu para caçar. Renato pergunta em que direção e fica sabendo que foi para o lado por onde estão vindo as máquinas. Renato resolve ir buscar Maragó. O cacique corre perigo. Makotirene manda Waraton o acompanhar. Os dois mais Miguel se internam na mata.

14 - Mata. Segundo Acampamento. Dia

Douglas fala com Rabelo. Agora não é só suposição. Ele já esteve na região, existe uma aldeia nas proximidades. Rabelo sabe perfeitamente. Na semana passada um avião sobrevoou a aldeia. Para ele os índios já tiveram tempo suficiente para ir embora. Mas se ficaram vai mandar sua saudação e aponta para dois caminhões a descoberto. Nas carrocerias, soldados retiram a lona que encobre duas peças de artilharia.

15 - Mata. Dia

Maragó caminha suavemente. Através da vegetação divisa uma anta. Se aproxima silenciosamente. Dispara o arco. O animal é ferido e sai correndo. Maragó vai atrás, no seu rastro.

16 - Mata. Dia

Maragó na mata seguindo o rastro da anta. De repente ouve um estrondo, seguidos de outros mais. O ar se enche de poeira.



Completamente aturdido se joga no chão, enquanto os disparos atroam o ar.

17 - Mata. Segundo Acampamento . Dia

Rabelo, com o olhar satisfeito, assiste as peças de artilharia em ação.

18 - Mata. Dia

Douglas, no meio da mata, tentando fugir dos tiros. De repente é atingido. Cai. Do meio da fumaça emerge Geraldo com um fuzil na mão. Aproxima-se do corpo. Douglas ainda está vivo e olha para ele. Geraldo diz: “cospe agora, cospe”. E dá um tiro de misericórdia.

19 - Manaus. Casa de Dora e Renato. Dia

Dora recebe um telefonema. Ouve e pergunta se aconteceu alguma coisa. Fica aliviada com a resposta e diz que vai passar na casa do interlocutor.

20 - Manaus. Rua. Floricultura. Dia

Dora caminhando. Leva uma expressão séria, preocupada. Numa floricultura, ela compra um buquê de flores.

21 - Manaus. Casa de Macedo. Dia

Dora bate na porta. Mirtes atende, é presenteadada com o buquê. As duas mulheres entram. Macedo pergunta se Dora está animada com a ida a Paris. Ela diz sim com um sorriso amarelo. Macedo oferece uma bebida. Dora aceita. Ele pega uma carta em cima da mesa e antes de entregar pergunta se Renato irá encontrá-la na capital francesa. Dora diz: “Não sei”. Macedo fica sério: “Não tenho porque me meter nisso, mas uma coisa quero te dizer: Ele te ama muito”. Dora diz: “Eu sei”. Macedo entrega a carta.

22 - Mata. Dia

Encolhidos no chão, Renato, Miguel e Waraton esperam o fogo cessar. Renato diz para Waraton e Miguel correrem para aldeia e fazer todo mundo sair de lá o mais rápido

possível. Ele segue na outra direção, de onde vieram os tiros.

23 - Mata. Nova Aldeia Wamoakrin. Dia

Maragó correndo na mata. Ele chega na aldeia, onde reina grande confusão, No meio da taba um grande grupo de wamoakrins discute. Makotirene segreda algo no seu ouvido. Maragó vai até onde está Miguel e pergunta por Renato. O sertanista disse que ele foi tentar calar o trovão dos brancos. Uma grande escavadeira adentra a taba derrubando uma oca. Atrás vem Geraldo e um grupo de soldados que lançam uma rajada. Vários wamoakrins caem. Geraldo faz o sinal de avançar, mas é detido por uma flecha certa disparada por Maragó que vaza seu olho Geraldo cai de joelhos. O cacique se aproxima e o olha por um instante antes de desferir um violento golpe de tacape na sua cabeça que o põe por terra.

24 - Nova Aldeia wamoakrin. Dia

Os wamoakrins vão recuando para dentro da mata. Alguns guerreiros disparam flechas. Um dos soldados cai atravessado por uma seta. Miguel segue os demais, numa das mãos empunha um revólver e com o outro braço procura proteger Akrimatã.





25 - Manaus. Casa de Dora e Renato.

Quarto. Dia

Dora abre a carta e começa a ler. É um texto emocionante de Renato (voz *off* de Renato) que recapitula a vida a dois e como cada um tem sido importante para que o outro siga o caminho na vida que escolheu.

26 - Mata. Segundo Acampamento. Dia

Os artilheiros começam a disparar outra vez. Renato corre na direção do acampamento. Voz de Renato em *off* prossegue com a carta.

27 - Manaus. Taxi. Dia

Dora e Iracema entram num táxi. Dora pede o Aeroporto. Enquanto o carro transita pelas ruas ouvimos em *off* Renato terminar de ler a carta sobre imagem do rosto de Dora.

28 - Manaus. Aeroporto. Dia

No saguão, Dora e Iracema encontram Lúcia que já estava à espera. Se beijam. De repente Lúcia pergunta onde estão as malas das duas. Dora diz: “Vim apenas me despedir de você. Vou ficar.”

29 - Mata. Acampamento 2. Dia

Renato trepa na carroceria de um dos caminhões e se atira sobre um dos artilheiros derrubando-o no chão. O ajudante tenta intervir mas sofre um soco na cara desferido por Renato. Neste momento ele percebe, que no chão, vários soldados apontam seus fuzis para ele. O sargento manda ele erguer os braços. Renato não segue a ordem e olha para os soldados desafiadoramente.

30 - Fade Out

31 - Aviões sobrevoando a selva.

Lançam bombas de napalm que incendeiam a floresta abaixo.

32 - Soldados incendeiam as ocas.

33 - Máquinas derrubando ocas.

34 - Debaixo da chuva inclemente, Maragó comanda a retirada da sua gente pela mata afora.

Sob estas imagens entra texto *off* de Renato, dizendo que a construção da estrada foi uma grande hecatombe para o povo wamoakrin, que sofreu barbaridades sem fim que causaram a destruição de várias aldeias e a morte de milhares de seus filhos. Uma catástrofe que ele tentou impedir, mas não conseguiu.

35 - Fade Out

36 – Legenda. Cinco anos depois. Sala de aula.

Dora disserta para a turma a respeito de Ajuricaba, o cacique dos Manaos que no século XVII organizou a Confederação dos Povos do Rio Negro, que durante anos foi uma barreira contra a penetração dos portugueses no território amazônico.

37 - Na sala de casa

Renato lê um livro despreocupadamente quando toca a campainha. Ele vai atender. Na porta está Akrimatá, vestida à maneira ocidental, com uma criança de seus quatro anos carregada à maneira indígena. Ela olha docemente para Renato e diz: “Meu povo está precisando de você”.

FIM DO EPISÓDIO

FIM DA PRIMEIRA TEMPORADA